Jornal das Moças

ANNO III — NUM. 57 400 RS.

Mais um importante recurso therapeutico

Pelo dr. Alberto Fridmann. Medico. Rio de Janeiro

O ferro e o calcio, occupam uma situação toda especial entre os componentes inorganicos dos nossos alimentos. Indispensaveis nos phenomenos de assimilação e desassimilação do individuo em perfeita saude, elles representam ainda duas substancias de grande valor no tratamento de certas doenças.

Acontece porém que, existindo elles nos alimentos apenas em pequena quantidade, a não ser que se observasse uma rigorosa diéta de substancias que os contivessem em maiores proporções, o que prejudicaria o appetite, torna-se necessario proporcional-o à economia por outros meios, o que explica o cuidado com que os medicos e chimicos, de ha muito se preoccupam com este problema.

Já muitas vezes tem sido tentada a sua solução. Ha milhares de remedios com este fim preparados, sendo entretanto que apenas um conseguiu reunir em um producto concentrado, de sabor muito agradavel, os predicados que por tanto tempo se procurou inutilmente reunir.

Referimo-nos ao Isis-Vitalin.

A primeira condição para um preparado que deve ser vendido em grande escala, é que elle em hypothese alguma possa ser nocivo, quer aos individuos normaes, quer aos organismos debilitados; quer às creanças, quer aos adultos, mesmo que seja absorvido em grandes dozes.

Essas qualidades possue o Isis-Vitalin, como prova a experiencia, uma vez que a despeito do seu grande consumo nunca foi observado o menor mal sobre as pessoas que delle se tem utilisado,

De resto, a sua composição jà permittiu presumir este resultado.

Elle é absolutamente inocuo e permitte o seu emprego sem o menor perigo, em todos os casos em que os seus effeitos possam ser desejados.

As indicações do Isis-Vitalin são determinadas essencialmente pelo seu conteúdo em ferro.

Elle contém 11,5 o/o de ferro organico, o que permitte o seu uso em soluções muito diluidas, si se tomar em consideração que as fontes mineraes mais conhecidas apresentam uma proporção muito mais baixa. Assim por exemplo: Elster só o contém na proporção de 0,08 o/oo, Homburg na de 0,09 o/oo. e Pyrmont na de 0,07 o/oo.

Esta porcentagem dos compostos ferricos é que empresta ao medicamento o seu grande valor em todos os estados que exigem um augmento de globulos vermelhos do sangue, e por consequencia de hemoglobina ferruginosa,

Assim, nas anemias em geral, ou nos estados de fraqueza occasionados por perdas de sangue ou doenças de qualquer natureza.

As composições organicas de calcio que contém o Isis-Vitalin, 12,5 o|o, ainda permittem com vantagem o seu emprego nas crianças em via de crescimento, assim como nas differentes affecções dos ossos e dos orgãos respiratorios,

A alta concentração acima mencionada permittindo o seu emprego em soluções muito diluidas, explicam a grande acceitação que teve este medicamento, por isso que de um lado o seu emprego é muito mais economico que os demais fortificantes existentes, e de outro lado o seu agradavel sabor facilita a applicação para creanças e pessoas de paladar sensivel, para as quaes tenho frequentemente receitado o seu uso.

ANNO III ∞ RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 1916 ∞ NUM. 57

JORNAL DAS MOÇAS

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

CHRONICA

Ha um facto em que, geralmente os collaboradores das revistas como esta de habito não se conformam: é a demora de publicação dos seus trabalhos. A verdade, entretanto é que, o resumo das collaborações semanalmente recebidas excedem de muito as impossibilidade do seu immediato apresentamento. De modo que ha de ficar sempre muita gente descontente.

O nosso pezar, por isso, é tanto maior quando reconhecemos que a quantidade e a qualidade das nossas gentis collaboradoras tem grandemente augmentado.

E' certo, por exemplo, que os leitores do «Jornal das Moças» lucrariam si, em vez de insosso rabiscador destas linhas, a chronica semanal fosse subscripta pelas talentosas escriptoras que com tanto brilho illustram e honram as nossas paginas.

Querem a prova? Damol-a neste numero, substituindo os nossos desinteressantes commentarios pela prova francamente estyllisada da talentosa senhorita que assigna as linhas seguintes, ás quaes deu o suggestivo titulo de Fragmentos e que dedicou «a uma intelligencia inculta».

«Ser poeta, meu bom amiguinho, é saber delinear com essa bizarra suavidade que encanta todas as almas, desde a luz de um luar de opala, á flôr que no seio recolhe as lagrimas crystallinas da noite; é poder, —sceptario do Ideal,—no arrejo sublime do coração ardente, ir ás plagas do Sonho em busca da perfeição para as estrophes que qual turbilhão de rosas, rolam no cerebro escandecido pela febre da gloria.

Esculptor amoroso, o poeta para completar a sua obra prima, rouba os salpicos d'oiro de um sol posto e os risonhos coloridos da aurora; vae ao Infinito tirar do ceruleo esmalte as particulas que n'elle reluzem... traz na alma o perfume das flores raras que desabrocham no cume das montanhas brancas, e a esteira luminosa das ondas para coroar a sua obra grandiosa.

Da psychologia humana, o poeta faz um mundo novo, cheio de mysteriosas côres e aromas violaceos que a nossa alma aspira com volaptuosidade, deixando-se ahi ficar, presa por estranhas e indefiniveis sensações.

Na senda do Bello, os genios,—meteóros raros e intangiveis que passam, arrebatando-nos a alma com as suas arrojadas concepções,—perpetuam o ideal na fórma sublime da inspiracão, esse relampago que por vezes atravessa o nosso cerebro, e desfazendo as trevas que n'elle reinam deixanos ver regiões desconhecidas onde a belleza impéra, e a perfeição domina.

Ao poeta que vive acorrentado ao ideal, suggestionado pelo estylo que encanta e a fórma que esplende magestosa, são necessarias a constencia e persistencia no estudo.

Aclarar cada vez mais e com crescente enthusiasmo o intellecto, é dever de todos que almejam servir a Arte, sendo verdadeiros artistas.

O genio é um sorriso de Deus, que atravessando o páram o azulado vem reflectir-se nitido em nosso coração...

Na grande luta pela vida, em que nós, —victimas imbelles da adversidade,—sem a couraça da esperança tombariamos vencidos; a inspiração de um momento,—effluvio sagrado da poesia,—leva-nos a contemplar o throno do Omnipotente e supplicar-lhe piedade para os miseros filhos da Terra.

Cultivar o espirito, trabalhar pela arte é o que deve fazer aquelle que aspira attingir á suprema perfeição, servindo a sociedade intellectual da sua patria.

Estuda pois, meu amiguinho, que o estudo ennobrece a existencia e estimula o espirito a pairar acima das cousas mediocres e vulgares, levando-o a percorrer regiões onde é mais fecunda a inspiração de tudo quanto ha de bom e bello.

E sobretudo lê: não as minhas humildes producções litterarias que dizes tanto gostar, mas que não possuem outro merito além da sinceridade; nem tão pouco as d'aquelles que costumar usar de mefaphoras arrojadas que o teu cerebro não póde ainda interpretar.

Lê antes, os que com encantadora simplicidade, riqueza de estylo e fórma aprimorada, narram as suas viagens através do paiz dos Sonhos, e os surtos audaciosos de sua alma, ao reino das maravilhas inconcebiveis e enigmaticas para os profanos.

Para que nas suas inspirações, não sejas nunca um idonoclasta, é mistêr que estudes e estudes muito.

Estuda pois, dedica-te ao trabalho intellectual com ardor e tenacidade, e serás um sublime artista meu doce amiguinho; descreverás com elegante doçura todas essas idéas bonitas, phantasias caprichosas que te acodem ao cerebro, e qual cascata de gemmas preciosas rolam para a tua alma de idealista juvenil.

E para terminar, lembra-te sempre que é sómente verdadeiro poeta, aquelle que consegue amortalhar os seus versos no involutro transparente do Bello!

ALICE DE ALMEIDA

Impressão dolorosa

A' gentil amiguinha
Othilia Caminha
de Moura.

Iza, a companheira das minhas tristezas e alegrias, era uma candida donzella, linda como os lyrios que perfumam os bosques, e pura como os anjos do Senhor. Em seus labios sedosos, artisticamente nacarados, brincava um sorriso encantador; quando entreabriam-se n'uma gargalhada sonora, mostravam duas filas de dentes, alvos como perolas raras. De seus olhos negros, ora faiscantes, ora languidos, sahiam lampejos de pureza. Os cabellos côr de ebano cahiam em ondas, sobre a espadua rosada e exculptural.

Seu busto causaria inveja a propria «Venus».

Era o verdadeiro typo da mais bella «Andaluza».

Possuia um coração pleno de risos e aromas, e tinha sempre uma palavra de amor para os desgraçados; suas mãos de fada, não negavam ao mendigo um obulo de caridade. Se era bella no corpo, era admiravel na simplicidade de seu coração grandioso. Muitas vezes quando passeavamos juntas no jardim de sua casa, contemplando Phebo que ia lentamente desapparecendo, colorindo com seus raios mornos as cabeças das montanhas mais elevadas, quedava-os silenciosas e uma tristeza infinda se apoderava do nosso «sêr».

Iza tomava-me as mãos, fitava-me com aquelle olhar angelical, e com voz tremula perguntava-me: Se algum dia nos separarmos, não te esquecerás de mim?

Eu estreitava-a nos braços, cobria de beijos aquellas faces roseas e respondia com firmeza: Nunca; em qualquer parte do mundo serei tua amiga, e o meu amor por ti, irá além da morte, porque o meu espirito pedirá ao Creador pela tua felicidade. Depois, unidas por uma amisade inexplicavel conversavamos largo tempo; quando a noite chegava, separava-nos; durante muitos annos vivemos na doce illusão de uma felicidade sem fim.

Um dia, o sol que brilhava no horisonte das nossas esperanças desappareceu, e o cruel Destino separou-nos. Lagrimas reciprocas e desespero mutuo, acompanharam a nossa despepida. Iza partiu e eu fiquei só e triste, obrigada a ver diariamente a casa onde ella nascêra, e onde eu permanecia longo tempo.

. . . .

Dez annos se passaram; Iza parecia me ter esquecido, pois durante esse tempo não recebi uma só carta d'aquella ingrata; escrevi diversas vezes e não obtive resposta. Suppuz que ella me tivesse olvidado e não procurei mais saber noticias suas.

Um domingo estava eu n'um jardim publico, quando de mim se approximou uma mulher joven ainda, muito magra, miseravelmente vestida, tendo nos braços uma criança formosa, mas tão pallida que parecia um cadaver. A mulher estendeu-me a mão, e com voz humilde, pediu-me uma esmola pelo amor de Deus; o pequenino sorriu e sem saber porque, lembrei-me de Iza.

Tomei dos braços da mendiga o innocente anjinho que tanto se assemelhava a minha querida amiga, e fazendo-a sentar-se junto de mim, disse-lhe que seu filho tinha traços physionomicos de uma amiguinha que ha dez annos não me dava noticias suas, e que apezar da sua ingratidão, eu continuava amando-a. Quando pronunciei o nome da minha companheira de infancia a mendiga estremeceu; senti um calafrio, mas corajosamente falei-lhe das nossas brincadeiras e da tristeza que nos assaltava, quando pensavamos na nossa separação. Quando terminei a minha narração, aquella mulher pobre e esfarrapada tinha os labios brancos e tremulos; tomou-me as mãos, e balbuciando o meu nome deixou rolar sobre as faces cadavericas, um turbilhão de lagrimas saudosas. Comprehendi em fim. Iza, aquella joven que eu adorava, e que amava-me com toda a pureza de seu coração, vivia da «caridade publica»; aquelle anjo que viveu no fausto, rodeada de riquezas e tapeçarias, pedia esmolas e soffria fome.

Casára-se e fôra infeliz; a tuberculose exterminava pouco e pouco o organismo daquella santa, destruindo a belleza do seu corpo, e emquanto aquella mãe desgraçada, deixava rolar sobre as faces, outr'ora seductoras, o pranto de amargura, o filhinho innocente entreabria os labios n'um sorriso encantador.

EURYDICE DE MENEZES VIANNA KALLUT.

Aza materna...

Força moral paterna

No seculo em que vivemos, onde a educação das moças é tão diversa de que deveria ser, naturalmente não podem passar desapercebidas as moças que vemos como que aureoladas por uma educação inteiramente diversa da commum.

Emana d'ellas uma graça especial; são meigas, carinhosas, respeitosas, submissas, e ao mesmo tempo alegres, muito alegres, de uma alegria franca e até contagiosa... mas vivem "obedientes!" Eis ahi a joia no seu escrinio!

Vivem á sombra da aza materna, obedientes á força moral paterna... Que bello quadro!

Mas será possivel que, n'este ambiente de liberdade em que vivemos, n'este seculo de anarchismos familiares, se encontre ainda moças d'este typo moral?!...

Sim! Felizmente existem algumas. São virgens adoraveis na delicadeza que põe em guardar respeito áquelles que devem gover-

nal-as até que chegue o momento de deixarem o tecto que as abrigou sempre, para um tecto novo ainda, debaixo do qual ellas entrarão levando o encanto de muitas illusões, toda a riqueza de almas que sabem comprehender o dever que as chama alli.

Estas, são as perolas raras que vivem quasi que escondidas no escrinio do lar...

Estas, são as flôres crescidas no ambiente tepido de estufas, que desabrocham e crescem sem que nenhuma mão profana as toque siquer de leve...

Flôres frescas, leves, puras, viçosas para o encanto de quem as conhece.—Corações que saberão ser fieis áquelle unico pelo qual, elles, verdadeiramente virgens, pulsárão um dia!

Existem sim, existem ainda estas jovens que parecem modeladas por mãos de artista desconhecido, e são deliciosas!

Não foram educadas por espiritos estreitos, em ideias escrupulosas, não, ellas encaram a vida de frente, com coragem, sem falsos receios.

Têm aspirações, não fogem do amôr como si fosse um crime, mas esperam-n'o como uma bençam para suas vidas, como a suprema felicidade.

São intelligentes, cultivam as artes:

Querem viver, estão promptas, firmes ellas tambem para entrarem na peleja, levando como facho, ardentes corações, almas enthusiastas, vontades formadas rectas, caracteses "educados!"

A onda de molleza que invadiu cerebros femininos não chegou até ellas. Muitas, tão jovens, já são descrentes; languidamente dizem que não têm mais illusões!...

Ellas não, sentem-se valentes, cheias de esperanças, ricas de bons propositos. Vivem á sombra da aza materna, obedientes á força moral paterna, e isto diz tudo.

A's horas em que a noite vem com seu manto escurecer tanta cousa, emquanto outras pelos portões ou jardins escuros estão de mãos dadas com rapazes muitas vezes ainda desconhecidos a conversarem, rapazes que momentos depois, ao dobrarem á esquina, já estão rindo-se d'ellas com os companheiros, inventando, muitas vezes, o dobro do que houve, ellas, as outras, á luz clara de uma lampada electrica conversam e riem com pessôas da familia ou da intimidade.

Não conhecem as emoções doentias de namoros escandalosos, e só comprehendem o amor como um ideal...

Seus labios puros não soffreram o contacto de beijos que não podem ser de amor...

São castas em toda a singeleza da palavra, são virgens em toda a verdade da expressão, e são adoraveis!

A' estas eu atiro um punhado de flôres, desejando que encontrem (joias raras...) o verdadeiro escrinio de um coração dentro do qual possam brilhar serenamente, quando, destacando-se da penumbra da aza materna, obedecerão ainda á força moral da voz paterna, que lhes dirá:

—Vae! Segue o teu esposo, cumpre com teus deveres... Sê feliz!

MARGARIDA

Coração

Tu, coração, cujo perfil descança
Da grande paz no ambito mesquinho,
Onde não pulsa a arteria de um carinho
Nem circula o licor de uma esperança;

Tu que dormes, qual timida creança,
Sob a fraude o ramal do rasmaninho,
Concha deserta abandonado ninho,
Feito da luz do arco da Alliança;

Gosas na sombra a placida ventura;
Bailam somente em tua sepultura
Do fogo factuo as erradias chammas

A prece basta a saciar-te a Gula
Tenho inveja da larva que te oscula,
E's feliz, CORAÇÃO, porque não amas!

EDÚ NUNES.

Phantasia

AO ARLINDINHO

A tarde morre lentamente.

O sol espraiando seus raios fulgurantes sobre a terra, enclina-se para o occidente, onde na curva do horizonte cerulo, aurirosadas nuvens deslisam impellidas pelo favonio terno.

Na crystallina superficie do mar bonançoso a luz dormente desse triste occaso, desdobra-se em ondas purpurinas.

Ouvindo o ciciar da brisa tão meiga que passa rescendendo perfumes mixtos roubados ás corollas das flores, sinto-me entristecer.

Alli n'aquelle recanto solitario, tão só, vendo ao longe as ondulações calmas do mar, sinto a saudade invadir-me a alma e n'um extase profundo embalo-me nas dulcidas reminiscencias desse amor que nos irmana, desse puro sentimento que freme em nossos corações.

Na suavidade dessa tarde lindissima, minh'alma emocionada chora a tua ausencia, se bem que tenha a certeza de estar commigo o teu pensamento.

Sim. E's sincero, tens sido e sel-o-ás eternamente.

Assim m'o juraste, entre palavras ternas e profundamente carinhosas.

E atravessando a pureza desse céo azul e diaphano vae tambem meu pensamento para junto de ti, dando á minh'alma a grata recordação desse amor que é toda a nossa felicidade.

EULINA MACIEL

DECEPÇÕES

A vida humana é cheia de surprezas e decepções.

Se insistimos no proposito de augmentar o numero dos afortunados neste mundo, é porque muitas vezes cingimo-nos ás apparencias nos nossos julgamentos e apreciações.

E assim tem de ser porque neste malfadado planeta é absolutamente vedado perscrutar o intimo dos nossos semelhantes.

O coração humano é sempre um grande mysterio impenetravel.

Ha sentimentos que o observador mais arguto não póde sondar na alma dos individuos.

Nem o penetrante olhar de uma mãe poderá desnudar o coração de um filho que esteja decidido a esconder-lhe os seus sentimentos intimos.

Dizem que os olhos nunca mentem, mas, o que exprimem é tão confuso, vago e indeterminado, que impossivel se torna por elles, medir toda a extensão de uma dôr, ou contestar um justificado prazer.

Melhor seria que a linguagem dos gestos bastasse para as nossas relações sociaes, qae, a palavra, a escripta, os symbolos ou signaes, não fossem indispensaveis para cumprirmos a nossa penosa missão sobre a terra. Se isso fosse possivel, não haveria tanta dissimulação neste mundo de provações e miserias infindaveis. A dissimulação, que em larga escala é usada pela mulher como arma de defesa contra o egoismo do homem, é, muitas vezes a causa de decepções crueis na vida. E condemnando-a, persistimos entretanto em pratical-a, por sermos infelizmente a isso coagidos na luta pela vida.

Vejamos alguns casos communs de dissimulação:

— A mulher casada por exemplo, dissimulando os seus sentimentos, revista os bolsos do marido e este, que está bem convencido da dissimulação da esposa vai, tambem dissimulando, guardando em lugar seguro tudo que possa comprometter a paz do lar domestico.

O bacharel dissimulando os seus sentimentos, pede ao engenheiro Z avultada quantia por emprestimo, sabendo perfeitamente ser aquelle um refinado caloteiro, vai, dissimulando por sua vez, negando a quantia pedida.

A minha visinha, por exemplo, dissimulando os seus sentimentos, insiste com os paes para leval-a ao Theatro da Natureza, na Capital Federal, afim de encontrar-se com um estudante pobre com quem namora ás escondidas e os paes, que reprovam o namoro com necessitados e, que de tudo sabem por um caixeiro despeitado, antigo namorado da pequena, dissimulando igualmente, inventam pretextos para não leval-a ao cubiçado espectaculo.

Sómente as creanças não dissimulam, dizem o que pensam e sentem sem rebuço, com franqueza e naturalidade, mas, cêdo brota no cerebro dos individuos a ideia da dissimulação como cousa necessaria na vida para as relações que se estabelecem no seio da sociedade.

E ai, d'aquelle! que quizesse viver sem dissimular em cousa alguma!... Bem caro pagaria tão insensata resolução!

A dissimulação que sempre constitue um mal, é infelizmente imprescindivel. E quem mais dissimula é justamente aquelle que mais alardea a sua sinceridade.

— Fui levado ás considerações acima pelos factos que de longa data tenho observado na familia do coronel Alceu Pinto do Rego.

O coronel Pinto do Rego é baixo, magrissimo e pelludo como um macacão, e a sua mulher D. Mascencia, que tem o corpo agigantado — é pellada como um recemnascido. Felizmente a coitadinha nunca abandona o chinó!

— Do consorcio nasceram os seguintes filhos: Meneleu, Prisca, Prescilla, Paschasia, Meraldo, Menulpho, Meroveu e Proserpina.

Meneleu tem 22 annos de edade e é o mais velho dos filhos desse exquisito casal e Proserpina é a mais nova e tem dois annos.

(Continúa)

JOVIAL.

Magdalena

E' noite. Duas paineiras ostentam luxuriante folhagem, sobresahindo entre as outras arvores pelo porte garboso e arredondado numa expansão de jubilo e flores rosadas. A alguns metros de distancia, um velho jatobá cahido no solo apresenta-se ferido pelo raio.

A lua nostalgica eleva-se no céu e seus pallidos raios banham tudo de uma usave tristeza.

Ha aqui e além moitas de arbustos cobertos de folhas verdes e baloiçantes ás caricias da brisa. Flores vistosas exhalam um aroma indefinivel---mistura de varios outros, entre os quaes se salienta o cheiro suavemente penetrante da modesta madresilva.

Uma pequena cruz muito tosca e já curvada para o solo, parece convidar o espirito ao recolhimento e á prece.

Ouve-se o canto, ora monotono e triste, ora estridente e irritante, de algumas aves nocturnas. Vagalumes inquietos parecem estrellinhas aladas. A estrada, no entanto, continua deserta e o céu intermino a estender-se além... A serra da Mantiqueira, ao longe, apresenta os cimos coroados de neblina. Um cerro elevadissimo parece ameaçar o infinito...

. ˙ .

De repente, porém, surge na curva da estrada uma mulher ainda joven e bella. Na dextra leva um ramalhete de saudades roxas e com o braço esquerdo prende a velha manta que lhe occulta o busto de linhas harmoniosas.

Colheu na borda do caminho uma flor escarlate, dessas que commumente vicejam pelos nossos sertões. Levou-a aos labios e um sorriso triste descobriu seus pequeninos e alvos dentes.

Depois, approximando-se da cruz e magoando com os dedos as petallas da flor, começou a atiral-as ao solo, assim como as saudades roxas que trouxera. Finalmente ajoelhou-se e poz-se a murmurar baixinho palavras inintelligiveis...

. ˙ .

Magdalena ficára doida desde o dia em que fôra encontrado, ali, o cadaver de seu noivo querido. Mas sua loucura era mansa e seus tristes olhos castanhos a ninguem aterrorisavam, pois as proprias crianças d'ella se approximavam sem medo.

A' noite, porém, era commum vel-a vagar pela estrada ou a chorar junto á pequena cruz e a enfeital-a de flores.

. ˙ .

Magdalena já tinha sido muito feliz. Amára e fôra amada pelo Chico Camargo, um vaqueiro de alma simples e bôa, com quem ia se casar.

Com tal situação, porém, não se conformava o Chrispim Braga, mais conhecido por "Crispim Vesgo", que nutria pela moça uma paixão diabolica.

Sabedor do proximo enlace de Camargo e Magdalena, disséra simplesmente estas palavras, com um riso máo na cara de abutre :---"Esse casamento não se fará".

. ˙ .

Descia fresca e linda uma tarde de primavera. Camargo seguia despreoccupado pela estrada.

Um sabiá cantava tristemente sobre um araçaseiro em flor, e, ouvindo-o, o vaqueiro cantarolava umas quadras populares, olhando o sol que, já de um oiro pallido, cobria os cimos dos montes. E assim caminhava sob a doçura da tarde cantando :

Alecrim na beira d'agua
Chora a terra em que nasceu...

. : . . . .

Não concluiu a quadra. Estava junto do jatobá. Uma longa faca foi-lhe cravada, primeiro, nas costas e depois, longamente, no pescoço, quando elle, surprehendido, voltava-se para ver o agressor.

E o forte corpo ahi ficou sobre a relva com os olhos muito abertos e fixos parecendo fitar com terror o assassino, o Chrispim, que, com a magra cara salpicada de sangue, concertava ás pressas a jaqueta de xadrex e depois fugia correndo para não mais apparecer...

E ali, onde havia agora aquella cruz, ficára o Chico Camargo, com a face voltada para o poente avermelhado e as grossas mãos esclavinhadas na terra molle e pintalgada de florinhas azues.

Borboletas em bando bailavam no ar e uma muito pequena, com as azas que pareciam duas petalas de rosa, veio pousar na bocca do morto de onde escorria um fio de sangue que se mesclava com a terra humida...

DÉA FLOR

Visão do amor...

(A ZILDA DE CASTRO)

— Atravez do labyrintho da Vida e das tristes e angustiosas lagrimas que vertem os olhos da humanidade, diviso a sombra do amor.

— Entretanto nunca senti n'alma as vibrações desse sentimento!

Ha momentos que o meu intimo é dominado por emoções extranhas, então, minha alma enganosamente, pensa deleitar-se com as essencias suaves do amor, no entretanto elle apenas me apparece erecto nos sonhos como uma visão e, quando scismadoramente; nas horas caladas da noite.

Acaso o doce riso do amor não me quer?!

Dizem que elle costuma apodeiar-se dos corações affeitos a indifferença, que então são agras suas contracções ou são como gottas crystallinas orvalhadas no seio de uma vida submettida ao indifferentismo; devemos pois, avaliar seus effeitos e suas vari ções, afim de que elle não perturbe o espirito da paz e da tranquillidade.

Quando o amor é sincero e constante, não ha muralha que elle não passe, não ha distancia que elle não vença e nem mysterio que elle não penetre.

Muitas vezes, perpassam pela minha imaginação sonhos venturosos, diviso atravez enganosas apparencias, luzes multicores que reverberam o amor e que me offuscam a alma, entretanto, as sumptuosidades que o meu ser experimenta e que os meus olhoe pensam vêr, desapparecem como a fumaça que evola-se para o nada, e sinto, quão ruin é a minha vida real, entre as impetuosas animações que a alma sente!

Procuro as vezes, banir do pensamento as ideias que me obscurecem a alma e architectar uma existencia cercada de amor e flores, porém, um bafejo Visionario, desconhecido, faz ruir todo meu ideal!

As vezes, fitando o céo crivado de estrellas, vendo as tremeluzirem reflexos de luzes sobre a natureza deserta, minh'alma não lamenta irradiar com ellas! Se isto ella conseguisse, gozaria ao menos a bondade celestial!

Na estrada deserta e semeada de espinhos, que tenho percorrido, se me affigura a existencia um vasto oceano encapelado, onde o naufrago se debate, portanto, caminharei incerto, semelhante a sombra que ennegrece o azul do horizonte, apenas sentindo e vendo o amor como uma visão.

HERMETO FERNANDES DE CASTRO.

UM CASO COMO MUITOS...

Para alguem.

Corria o mez de janeiro de...

Os dias eram variaveis e muitas vezes acoitados por fortes ventanias que ao nada tudo pareciam querem reduzir. A abobada celeste quasi sempre estava manchada por densas nuvens côr de chumbo. O sol de vez em quando desprendia seus beneficos raios sobre a terra para logo os esconder como que arrependido. A passarinhada em bandos, sem ter onde abrigar se pelas arvores, voavam desordenadamente em differentes direcções, fustigadas pelas intemperies, n'um piar enternecedor, maldizendo a sua sorte. A Natureza tinha, emfim, um aspecto confuso. N'um destes dias assim triste foi a cidade de Z... theatro d'uma scena tragica que passarei a narrar, não estylo sublime que me faltam conhecimentos litterarios, mas familiarmente como se estivesse falando com um amigo. Chovia copiosamente. Um rapaz, alto, moreno de cabellos pretos e de olhares vivos e intelligentes, debruçado sobre uma janella da sua modesta moradia esperava que a chuva cessasse para sahir. Cessara a chuva. Vestiu o sobretudo, de mãos nos bolsos sahiu rua fóra em procura da mulher que elle amava loucamente.

Pelo caminho já elle antegosava os momentos felizes que ia passar junto d'ella. A namorada era uma joven linda, de porte altivo a fazer inveja a mais formosa rainha. Conheceram-se n'um baile. Trocados os primeiros olhares ficaram a corresponder se amorosamente, só estavam bem quando juntos architectavam o futuro que sempre devia sorrir lhes, diziam elles. Mas puro engano. Tudo no mundo é ephemero e nada mais que a felicidade. Quando chegou no lugar onde sempre se encontravam não a viu. Ficou pensativo a fazer mil conjecturas para ver se podia descobrir a causa que motivou a ella não vir. Esteve assim muito tempo, quem o visse diria que elle preparava qualquer coisa terrivel.

Regressava á casa quando no caminho foi apunhalado em pleno coração pela noticia de que o pae sabendo dos amores da filha a prohibiu de fallar mais com elle, sob qualquer pretexto. Ella que o amava tambem muito escreveu-lhe uma carta em que dizia não fôra á entrevista por estar muito vigiada e temer a severidade do pae, dizia mais que não sabe como pôde escrever e que o pae ia internal-a n'um convento. Ao recolher á casa o joven leu a carta que já o esperava ha bastante tempo. Ficou assim sabendo mais do que lhe tinham dito. Quiz obstar a sua partida, mas foi impossivel. Ella entrou n'um convento muito distante da cidade onde este facto se passou. Coagida como estava nunca pôde dizer ao seu bem amado o seu paradeiro.

O joven definhava dia a dia, procurou todos os meios de poder descobril-a, mas seus esforços foram sempre infrutiferos. Desalentado, sem forças quasi para nada, trancou-se no quarto e, varando a cabeça com uma bala, morreu.

Entre seus papeis deixou escripto que se matava por desgostos intimos. Eis em traços largos no que quasi sempre dão amores contrariados.

Jockey-Club, Julho de 1916.

B. D.

SOCIAES

Aspecto da cerimonia do enlace matrimonial do dr. Raul Bergalho, medico legista da Policia, com a senhorita Dulce, filha da exm.ª Viuva d. Maria José da Silveira

AS NORMALISTAS DE NICTHEROY

E'esta da ultima manifestação das normalistas de Nictheroy ao professor dr. Armando Gonçalves que se vê na photographia rodeado de suas estudiosas discipulas

Agonia de mãe

Illuminado pelos raios pallidos de um sol agonico, o mar, ondulava serenamente.

As verdes aguas, desprendiam rumorejos tristes e vinham enrodilhar-se no seio alvissimo da humida areia que orlava a praia.

Uma melancolia profunda distendia-se por aquelle recanto solitario.

De quando em vez um grito estridente de passaro, cortava os ares; desprendendo-se do alcantil de um arido penedo, cantando voava serenamente.

Em volteios indecisos, vinha aos poucos baixando até tocar a superficie do mar, como que a segredar as ondas um qualquer mysterio.

Verdes bandos de jandaias, passavam ruflando as azas todas irisadas pelas ultimas fulgurações do arrebol.

Hora de tristeza e poesia!!

O mar, como que a contorcer-se num leito de dor, gemia tristemente, envolvendo a praia em seus lençóes de branca espuma e a tarde a morrer lentamente em aureos clarões de luz, inspirava tristeza e melancolia profunda.

* * *

Contornando a praia, onde as ondas vinham gemer seus queixumes, caminhava desolada uma formosa moça, seguida de perto por uma linda creança, que sorria innocentemente fitando os ledos bandos de chilreantes aves que passavam.

Caminhava com lentidão, olhando vagamente a curva magestosa do céo azul que se unia, lá, muito ao longe, ao mar revolto, onde o alabastrino vulto de uma vela microscopica, indicava a presença de um pequenino barco que vogava, docemente impellido pela brisa.

Ao approximarem-se aquellas duas lindas creaturas de um amontoado de pedras que as aguas lambiam, sentou-se, numa dellas a formosa moça emquanto sua galante filhinha, distrahidamente brincava com a branca areia.

Sentia aquella moça algum intimo soffrimento!

Alguma dor occulta, minava-lhe a alma entristecida, porque ao fitar a immensa vastidão daquelle oceano profundo, duas lagrimas rolaram-lhe pelas faces maceradas, seguidas, logo apos, de um choro convulso.

Teria sido aquelle gaivoso mar, tão apparentemente tranquillo, que lhe roubara o que constituia a sua completa felicidade?

Talvez que elle ironicamente, conservasse em seu equoreo seio, o ente querido que lhe dera o nome ou o esposo amado que a cercara de beijos e carinhos.

Mas! Quem poderia saber?

Sómente ella poderia exprimir, com precisão, a causa desse cruciante soffrimento e dessas lagrimas sentidamente crystallinas que rolavam e brilhavam á luz crepuscular!...

* * *

Era tamanha a sua dor, tão angustiada estava, que, por instantes, o seu olhar se desviou de sua filhinha, que entretida em apanhar as multiplas conchinhas esparsas na areia, foi se abeirando daquelle abysmo, onde as vagas rugiam, mandando á praia torvelhinhos de espuma.

Inspirada pelo indescriptivel carinho maternal, volveu, em breve, o seu lacrimejante olhar para a galante menina; e, prevendo já a desgraça, a dupla desgraça que estava prestes a feril-a, correu pressurosa a acolher em seu sagrado seio de mãe extremosa, o ente adorado.

Tão despreoccupada, a rir seraficamente, aquelle anjinho ao approximar-se sua mãe, gritou alegre:

— Mamãe, quanta conchinha bonita!...

Tão contentinho estava!

Mas, um gesto imprevisto da linda creança, contribuio para a sua displicencia.

A mãe amantiva, ao ver a imminencia do perigo, soltando um grito estridente, procurou afflictivamente evitar a inenarravel calamidade, mas, oh! fatal destino que as almas fere, uma onda revolta, abriu como que um berço esmeraldino, no qual, para sempre, desappareceu aquelle divino cherubim.

....

ARLINDO MARIZ GARCIA.

(Continúa)

::::::::

Na China casam-se defuntos...

Nós trajamos de preto quando estamos de lucto, e os chinezes vestem de branco; acabamos os jantares pelas sobremesas, e é por ellas que elles começam e terminam com a sôpa; regosijam-se com uma morte; emfim, sempre contrario dos americanos.

E' de uso em certas provincias do sul do imperio chinez quando um homem passa d'esta para a outra vida, sem ter querido ou conseguido casar-se, a familia, temendo uma possivel existencia para o defunto no futuro, procura desde logo, por todos os meios, arranjar uma companheira para elle.

N'essa intenção, parentes e amigos põem-se logo em busca da morta recente, a quem os parentes, pela mesma razão, queiram dar companheiro, e contratam a união sem mais delongas.

Entre as duas familias ha troca de presentes de parabens e de congratulações, como se se tratasse do casamento de duas pessoas vivas, e, quando todos estão d'accordo, procede-se á união dos dois cadaveres.

Os esposos são extendidos no mesmo caixão, e este funebre leito nupcial é levado para o campo, onde fica infinidamente exposto ao ar!

O «14 DE JULHO» NO THEATRO LYRICO

As senhoritas que cantaram a "Marselheza"

Devaneio

Bem á porta do teu peito
Bate e cança de bater
O meu coração desfeito
Que ahi procura vvier.
Após um mar de incertezas
Vê-se romper novos dias
Desapparecem tristezas
Resurgem as alegrias!

Quem me disse que eras bella?
Foi uma estrella!
Que andas devagarinho?
O teu caminho!
Que eu moro no peito teu?
Um sonho meu!
Tenho incertezas sobre ella,
Se bem que a nada me opponho;
Pois acredito na estrella
E ainda mais no meu sonho.

Quem me disse tua morada?
Foi linda fada!
Quem ligou-me a ti um dia?
A sympathia!
Quem prendeu-me de paixão?
Teu coração!

Sinto meu peito a bater
N'uma impenetravel porta,
Sinto meu peito a morrer
E a minh'alma quasi morta.

Quem não póde te fitar?
O meu olhar!
Quem te chama com fervor?
O meu amôr!
E quem morre sem chorar?
Quem não te amar!
Sendo assim, minha querida
Aqui me tens confessando:
'Stou prompto a perder a vida
Desde que morra chorando!...

Rio, 20 — 3 — 1915.

J. SILVA.

Um medico que sahiu da escola, para um seu amigo, advogado que tambem acabava de deixar os bancos academicos:

— Grande noticia! Já tenho um doente!

— Ainda bem, homem. Olha, quando o mandares d'esta para melhor, aviza-me porque quero vêr se a familia me entrega o inventario.

Ressurreição bemdita

(Continuação)

Chegara emfim o fim do anno e com este o encerramento das aulas. A casinha fôra trasformada numa gruta silvestre.

Ornaram-na desde a porta da frente ao quintal com grinaldas de folhas naturaes, marchetadas de flores brancas; jarros de porcellana com flores levantavam bem alto o seu penacho odorifero, parecendo querer tomar parte naquella festa ruidosa e indomita.

A impressão concebida por quem passava pela casinha era de um ninho e nunca duma casa onde morassem pessôas.

A solidão não tardou a invadil-a, como o sôpro da desgraça destruindo um monumento de felicidades.

—O trem que conduzia passageiros para Napoles se precipitara num abysmo creado por uma quadrilha de salteadores e arremessara para a Eternidade a vida de quasi todos os viajantes, que depois de mortos foram saqueados.

Tal foi a noticia que o pobre velhinho lêra num dos vespertinos, da manhã immediata, que circulavam á aldeia.

O luto moral substituia agora ás pombas do dia anterior.

A dor sangrava vilmente áquelles corações.

Os risos liquifiseram-se em lagrimas.

Tudo era tristeza.

Dois dias depois chegavam os pormenores da catastrophe e os nomes dos que se suppunham mortos, figurando entre estes o de Paulo Derval.

Os sulcos da decreptude deram repentinamente áquelles rostos, que ainda pareciam juvenis, uma physionomia sombria, e triste.

Feridos tão atrosmente pelo Destino o velho Ignacio e D. Idalina mudaram-se para Vallona, aonde foram viver em companhia dum amigo da familia.

Passaram-se mezes e assim annos.

D Idalina já quasi familiarisada com a solidão, concedêra a mão de sua amada Dalila a um jovem pharmaceutico estabelecido nessa cidade.

O matrimonio realisou-se no quinto anno depois da morte de Paulo, sem os aparatos que a sociedade manda, a pedido dos paes da noiva, que ainda conservavam aberta a ferida produzida pela morte de seu querido filho.

Mezes depois morrera o dono da casa onde o velho Ignacio se hospedara.

D. Idalina accedendo ao convite de seu genro, fôra com seu marido fazer companhia ao novo casal.

Passaram-se mais dois annos; já eram novamente felizes, e essa felicidade parecia bem ser o presagio de uma nova desgraça.

—Miseria ! O destino daquella gente era negro como o chão lodoso de um calaboiço. Os jornaes de Vallona, no dia immediato ao anniversario de d. Dalila, publicavam a seguinte nota : «Monstruosidade. — O pharmaceutico Alvaro Franco, estabelecido á rua de Veneza, n. 47, quando vendia certa porção de sulfato de sodio ao cidadão João Delphim, que lhe devia trezentos e tantos mil réis, propositalmente deu-lhe uma outra droga semelhante que causou o envenenamento do infeliz moço.

O fallecido era solteiro e vivia em casa de seus paes, á rua Garibaldi, n. 69.

O criminoso foi preso e brevemente será julgado.

Vingança, pede a sociedade italiana na familia do desventurado cidadão».

E' impossivel descrever o panico commovente que reinou entre a familia do indito-so pharmaceuiico.

Que encadeiamento rubro de desgraças vinha limitando os passos dessa triste familia !

O velho Ignacio, deixando cahir sobre uma cadeira cambaleou sem sentidos.

A bella Dalila, como uma louca, arrancava aos punhados os lindos cabellos castanhos; D Idalida muda como uma estatua, petrificada no meio da sala, parecia beber idéas fatidicas, e num dado momento encaminhou-se para o quarto : levava o cerebro predominado por um unico pensamento—o suicidio.

Apanhando a pistola de seu marido leva-a ao ouvido e puxa o gatilho.

Um forte estampido echôa por toda a casa e um corpo baqueia redondamente no chão.

Correm todos espavoridos ao lugar donde partira o tiro; a porta estava fechada.

Arrombaram-n'a. Duas mulheres jazem abraçadas estendidas num canto do quarto: D. Amelia e D. Idalina.

Desta vez a desgraça fôra evitada; no momento em que D. Idalina levava a pistola ao ouvido, D. Amelia que se achava no quarto, sem ser presentida, afastou o cano da arma, indo o projectil alojar-se na parede fronteira, varando o retrato de Paulo que ahi se achava como uma saudosa lembrança.

Lagrimas de alegria se confundiram com lagrimas de pezar.

A custo demoveram a pobre mulher daquella idéa fatal.

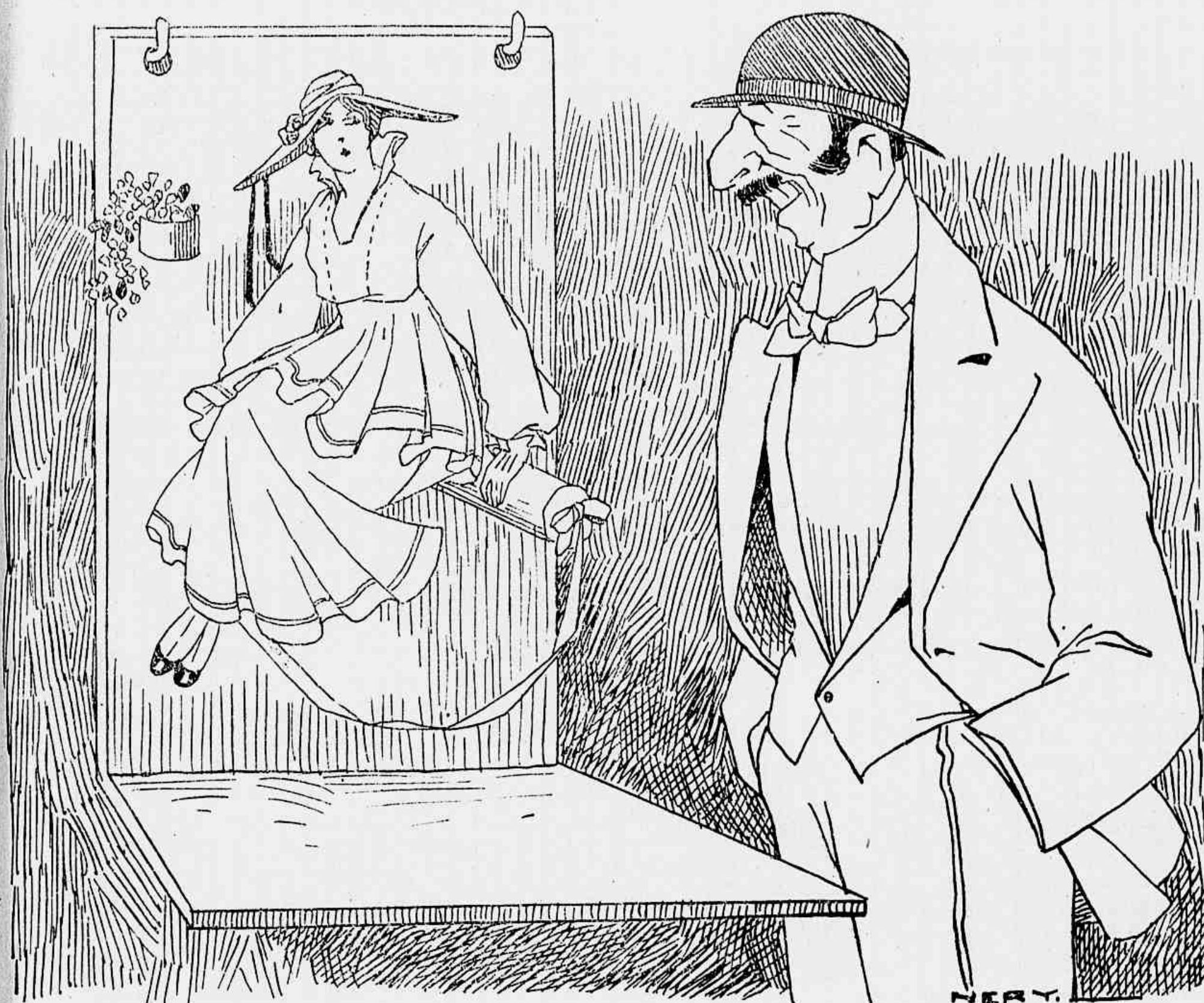
—Mais um véo negro era estupidamente lançado à face daquella familia pelo destino immutavel.

CARLINHOS—Bagé

(Continúa)

As «Pipirinhas»

São lindas, pequenas aves
Que por sua cor e porte...
....

Belmiro Braga

O FEIO—Si Pipirinha é ave... vae para a gaiola.
E assim meu coração descança.

Maria Paulina Lopes

Fez os seus primeiros estudos de Violino com o distincto professor Roberto Theodoro de Stella, na cidade de Santos, Estado de S. Paulo, durante tres annos.

Voltando ao Rio de Janeiro no anno de 1905, sómente em 1913 recomeçou os seus estudos com o illustre professor Sr. Francisco Chiaffitelli.

Em Março de 1914 entrou para o Instituto Nacional de Musica, onde cursou os oitavo e nono annos que terminou com disticção.

Em 3 de Janeiro de 1916, tomou parte no concurso do Instituto Nacional de Musica, obtendo o primeiro premio.

O seu primeiro recital realizar-se-ha na noite de 22 do corrente, no salão nobre do Jornal do Commercio.

Bella !

(DIALOGO AO POR DO SOL)

Tu abusas da belleza...

—O que qures dizer ?... Depois, eu não tenho tanta belleza assim, que possa abusar della.

—Tu não és simplesmente bella, tu és terrivelmente, diabolicamente bella !

—Frase de litteratura malcriada, de que ás vezes, fazes uso.

Sabes que mais ? Si continuas a pregarme sermões, viro te as costas.

—Procedimento de mulher que sabe quanto é bella.

—Mas que não gosta que lhe tomem conta das acções.

—Tu abusas da belleza e fazes mal, porque a belleza é vingativa : nada perdoa.

—Massador.

—Muito obrigado. Além de diabolicamente bella, és muito moça e, por isso, suppões que, impudemente. podes esperdiçar tua belleza e tua mocidade.

—Im-per-ti-nen-te !

Muito obrigado. Si me não quizeres ouvir, podes virar-me as costas. Abusarás mais uma vez de tua belleza...

—Continua, se ainda não exgotaste o assumpto.

—Abusas da belleza e da mocidade. Vives numa perigosa atmosphera de perenne adoração, aureolada pelo teu duplo prestigio. Porem a Belleza não é eterna.

Não o é tambem a Mocidade.

—Tu me enfaras. Repetes velhas doutrinas que já estou farta de saber, pois que no Collegio Sion diziame essas coisas todos os dias.

—Sabe-as mas esquece-as. Si ignorar é, as vezes uma felicidade, esquecer pode ser um mal.

—Dizes bem; se eu ignorasse, por exemplo... a tua existencia...

—Seria a tua felicidade. Estavas livre de ouvir-me. Minhas frases não te agradam, por não serem bellas : deves ouvil-al. E, ouvindo as, não as deves esquecer. Si as esqueceres, será para teu mal.

—Que pretensão fatua ! E... porque ?

—Porque tua belleza te será fatal !

—Frase de La Palisse e do Conselheiro Accacio...

«(Houve uma pausa curta. Eu, nervoso, fascinado pela sua belleza, tinha esse ar vulgarissimo do palerma defronte a uma deusa-moderna. Ella, fleugmatica, tinha o ar divino, sobrenatural de uma princeza desfolhando rosas; fitando com soberbo desprezo o deliquio do Sol moribundo, retomou o dialogo»).

—Sempre queria—por simples curiosidade—que me explicasses como é que eu abuso da belleza.

—Amando de mais. Ou, melhor, não amando nunca e a ninguem.

—Quanta pretensão ! O «Senhor» lá póde saber si amo ou não ? Já lhe dei a honra de uma confidencia ?

—Não amas... namoras muito, como diz teu pae, «flirtas» muito, como dizem tuas irmãs...

—E dahi...

—E's forçosamente voluvel...

—Bella descoberta !... E, como é que «a belleza me será fatal» ?

—O menos que te póde succedea é ficares para tia !

—Que horror !

—Tens muitos «flirts». Mas entre todos esses rapazes que te rendem homenagens, não encontrarás um que te deseje para espoza !

—Que conclusões ! E, sobretudo que frazes ! Parece-me que estás num palco, a declamar, emphaticamente, as «falas» de um dramalhão de capa e espada !

—Como eu detesto os teus adoradores !

—Fazes mal. São todos uns rapazes «chics», de muita verve, encantadores...

—Como eu detesto essa torpe matilha de fraldiqueiros vis, que rastejam submissas a teus pés, capazes de tudo se tu lhes concedesse essa suprema ventura !

—Bravos pela tirada !

—Como eu odeio essa matilha !

—Principalmente porque, cada membro que a compõe, arreganba ferozmente os dentes, todas as vezes em que tu, com tuas astucias de peerdigueiro veiho, pretendes alistar-te ao bando...

(«Ella fleugmatica, com o ar divino, sobrenatural de princeza desfolhando rosas, virou-me as costas, encerrando o dialogo. Eu, nervoso, fascinado pela sua belleza, parei estatico, mirando-lhe o vulto fugitivo que se esbatia na Treva que tombava pela Terra»...)

RENATO LACERDA

::::::::

Porte escovas ou peluche com aplicações de pano

Com o fundo de peluche grenat as aplicações do porte-escovas serão em pano da mesma côr, ou um pouco mais viva.

Passa-se o desenho para o pano com papel chimico branco; recorta-se depois e assenta-se sobre a peluche. Alinhava-se para que não saia do sitio em que deve ficar, e depois coze-se com um pequeno ponto de espaço a espaço prendendo a borda do pano á peluche. Toda essa borda é então encoberta com o chamado ponto de Bolonha.

Este ponto faz-se com a filoselle ou filoflosse, empregando-a com os fitos todos juntos e prendendo a com um ponto feito com um só fio da mesma côr, á distancia de uns tres milimetros de ponto a ponto.

As flôres e folhas são bordadas a ponto cheio; os outros traços são feitos a ponto de pé.

O «14 DE JULHO» NO THEATRO LYRICO

Outro grupo das senhoritas que abrilhantaram a festa

"NÃO?"

Se eu te pedisse, querida,
De teu jardim tão mimoso,
Uma rosa parecida
Com teu rostinho formoso,
Tu me davas?
— Dava...

E diz-me: se eu te pedisse
De outra flor um botão...
E, sem que ninguem nos visse
Um apertinho de mão,
Tu me davas?
— Dava...

E, se louco e desvairado,
Já presos do amor nos laços,
Sériamente apaixonado
Te pedisse alguns abraços...
Tambem davas?
— Dava...

Então meu anjo querido
Escuta: pelo que vejo
Cedias ao meu pedido
Que eu te fizesse, de um beijo...
Sim?... então?...
...— Não!

GUMERCINDO REYCHMANN.

Conselho Municipal

PROJECTO INJUSTIFICAVEL

Foi adiada a votação do injustificavel projecto sobre os vendedores de jornaes, revistas, etc. Naturalmente é intenção do Conselho tornar esquecido esse projecto para ser votado de surpresa, prejudicando desse modo a vida de homens que honradamente ganham a sua vida; entretanto, no Conselho Municipal, ha ainda intendentes amigos das causas justas e para elles appellamos, esperando ver em realidade a promessa que fizeram ao Sr. Prefeito; isto é, da retirada definitiva de tal projecto.

QUERES UM CANTO?

N'UM ALBUM

Queres um canto? Que canto
Te poderá offertar,
Quem já vive affeito ao pranto,
Quem já não sabe cantar?!
Quem no oceano da vida
Não encontrando bonança
Perdeu a ultima es'prança,
Naufragou vendo-a perdida...

Quem longe da Patria, errante
Em prol da Patria ultrajada,
Em vez de um livro, estudante,
Soldado cinge uma espada...
Quem eu teus lares, mendigo,
Imploram tua amizade
Como o escravo a liberdade,
Não tem um canto comsigo!

Ah! não queiras, se és amigo,
Despertar este leão,
Que em meu peito tem jazigo,
Que dorme em meu coração:
Não me desperte saudades
Dos dias em que cantei,
Em que feliz desfructei
Amôr, carinho, amizades.

....

Não tenho um canto,
Livre do pranto,
Sublime e santo,
P'ra aqui deixar,
Mas tenho flôres,
De lindas côres,
Gratos odores,
Pr'a te offertar.

E quando um dia,
A morte impia
Na lousa fria
Me for deitar;
Teu album abrindo,
Verás, carpindo
Tormento infindo,
Meu peito arfar.

Então de leve
Palavra breve
Aqui escreve:
«Morreu.»

LEOPOLDO DA FRANCA AMARAL.

Recordando

(DEZ ANNOS DEPOIS)

Vespera de S. João!...

Observaste, como Deus povoou de tristezas essa data presaga para nossa separação?. Como toda a Natureza se achava envolta no manto roxo da melancolia? Pungente scismar! Lembras-te, quando n'aquella assignalada noite, confiantes ainda em nossos projectos de futuro, despunhamos lindas flores sobre o seu altar, para festejal-o pela sua passagem? Foi nesse dia que mais se avolumou sobre nossas cabeças a nuvem negra que annunciava a desgraça que nos havia de ferir,

Convite funesto!

No entanto no teu coração havia presentimentos. Disseste-me:

Os meus rogos te fizeram ceder.

O presagio não fôra enganador. Seis dias depois o vagalhão terrivel do Destino destruia todos os sonnos de nossa felicidade.

Mas assim como nas grandes catastrophes ha tambem salvamento, neste mar de infortunios foram os unicos naufragos nossos corações que embora feridos, resistem sustentados pela lembrança vivaz desse infeliz amor.

Mariano Procopio, 26—6—16.

NENZINHA

MODOS E MODAS

Modelos para noivas
Até as noivas vão perdendo as caudas!

TAÇA DO JORNAL DAS MOÇAS

Premios ás tres concorrentes que obtiverem maior numero de pontos

Resultado, incluindo a ultima corrida realisada em 16 de Julho.

N.	NOMES	PONTOS
1	**Dylia**	81
2	**Inubia**	69
3	**Odylla Briani**	68
4	Colibri	67
5	Nadir	66
6	Tentaçãozinha	65
7	Saudades	64
8	Daisy	63
9	Jenny de Carvalho	61
10	Natercia H. Guimarães	61
11	Rosa Branca	58
12	Lucilla Briani	57
13	Glorinha	55
14	Fidalga	49
15	Carmen Rosales Arêas	49
16	Maria S. Lima	47

Taça Jornal das Moças

CONCURSO HIPPICO

SONETO

A' MINHA MÃE

Quanto prazer, meu Deus, quanta alegria
Encontrava eu naquelle peito amigo!
Quizeste dar o ceu como um abrigo
Aquella que no mundo padecia...

Quanto pezar, meu Deus, quanta agonia
E sinto, quando aquelle tempo antigo
Traz-me recordações da que contigo
Goza dos bens do ceu que merecia...

Oh minha santa mãe, ouve esta prece!
Parte de um coração que não merece
A indifferença dada aos vis pagãos.

No mundo já não tenho o teu amparo,
Pede, oh mãe, a Deus, que não é avaro
Levar-me aos seus, para beijar-te as mãos.

GASTÃO BAILY.

O «JORNAL DAS MOÇAS» EM CORITYBA

Senhorita DALILA MOURA

Na Exposição de Fructas

UMA VISITA DA IMPRENSA

Realizou-se sabbado passado uma visita da imprensa carioca á Exposição de Fructas, que se acha installada na Avenida Rio Branco, nos terrenos do antigo Convento da Ajuda.

Para essa visita fomos convidados especialmente por uma gentillissima commissão de expositores.

Em frente a uma barraca

A visita deixou-nos boas impressões, como aliás á toda imprensa, conforme se deprehende dos bons commentarios lidos nos jornaes de domingo.

Vale apena a gente gastar 400 rs. para ter occasião de verificar quanta cousa bôa em fructas o Rio produz.

Dia 30, alli se inaugura uma outra exposição muito curiosa—a exposição de aves—pela quinta ou sexta vez realizada com grande successo em nossa Capital.

Correspondencia

ERNESTO SCHILLER — O primeiro estava bom, este de agora não serve.

EMMA MUNIZ ALVARES DE AZEVEDO — Escreva em menores dóses e procure melhorar.

ARLINDO MARIZ GARCIA — A sua divagação não serve.

RIVAM — A separação doe, sabemos, mas a sua, só a si interessa.

MAGUA — Está fraco. Capriche e torne a nos enviar trabalhos.

GAMINE — O seu pedido é uma ordem. Quem tão bellos trabalhos produz, só dá honras ao jornal que os inserir.

Supplicamos-lhe que continue.

DORALICE BRAZIL — Póde mandar, fazendo a variação que deseja.

ALEXINA SANTOS — O prazer é todo nosso. Esperamos que não fique só em promessa.

MARIA AUGUSTA GARCIA — Será sempre attendida.

HUGO BRAGA — Sim.

LUMEM — Recebemos a sua carta e tambem os trabalhos. Não prejudique os seus estudos para collaborar. Primeiro a obrigação.

PEROLA ROXA — Ao bloco representado pela sua distincta secretaria, apresentamos as nossas felicitações, offerecendo as columnas do nosso jornal para serem honradas com a collaboração que promette tanto brilho. Vamos interceder junto á senhorita Alice de Almeida, crentes de que mais uma vez ella demonstrará a sua reconhecida competencia e bondade.

CYBELE MIRANDA ALENCAR — Suspendemos a publicação. Sentimos o facto que se deu, aliás, como vê, independente da nossa vontade. Anciosos aguardamos a sua collaboração.

ALICE DE ALMEIDA — Recebemos uma carta tratando de assumpto que só a senhorita poderá responder. Rogamos-lhe a fineza de mandar buscal-a ou dizer para onde devemos remettel-a. Vamos dispensar a maior attenção para a sua reclamação.

ROBINNE — Gostamos immensamente. Continue.

J. SILVA — Muito bom.

RAINGA — Agradecidos pelas suas attenções.

JUREMA OLIVIA — Está zangada comnosco?

AMELIA PINTO — A rua Santa Isabel começa na rua Dr. Bento Freitas.

Proximo não ha hoteis. Ficará bem installada no Bella Vista ou d'Oeste, ambos na rua Bella Vista. Preços, 8$000 e 7$000, respectivamente.

MARGARIDA — Esperamos que nos responda e que continue a enviar os seus preciosos trabalhos.

VESTUARIOS ELEGANTES

Elegante vestido para baile, de gorgorão branco bordado com rosas e folhagem prateada. Creação de Reville and Rositer.

Chic modelo de capa para theatro, de veludo côr de rosa e pelle branca de raposa. Idem.

Contrastes

«Quem canta seu mal espanta...»
O velho rifão o diz:
Mas por mais que eu cante, sei
Que hei de ser sempre infeliz...

«Quem espera sempre alcança...»
Assim resa outro dictado,
Mas eu, de tanto esperar,
Já vou ficando cançado...

«Quem tem amores não dorme...»
Ah! eu bem d'isso sabia...
E foi por isso que, cedo,
Me fugiu toda a Alegria.

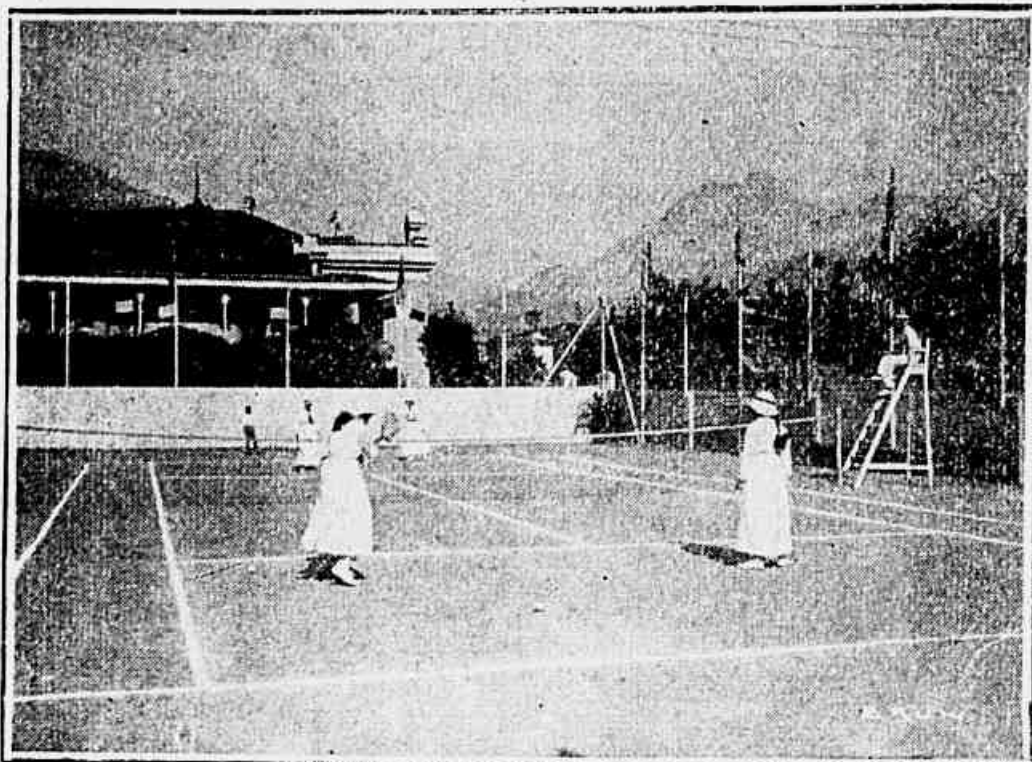
«Palavras leva-as o vento...»
Mas isso é pura invenção,
Pois que inda guardo no peito
As da tua ingratidão!

«O amor com o amor se paga...»
O rifão não é sincero,
Pois por tu me desprezares,
E' que inda mais eu te quero...

«N'este mundo tudo passa...»
Menos o amor, direi eu;
E como não ser assim
Si fitei o rosto teu?

Nitheroy, Julho de 1916

SALOMÃO MUNIZ

Tijuca Lawn Tennis Club

Um momento de jogo entre as moças do querido club de lawn-tennis

::::::::

Sons que passam...

Para a pianista Sta.
Beatriz Costa.

— —

Como phrazes oraticas de um monge
Disvirginando a calma de um convento,
Passam por meu solar, vindas de longe
Uns sons de piano... Verbos de um lamento!

São sons inquietos, lugubres, dolentes;
Vibrações poeticas que ao coração me vem,
Ouvindo uns sons que emanam calmamente
De um saudoso Nocturno de «Chopin» ...

... Sons que vagueiam, á noite, a procurar
A alma de um ente amado, foragida;
Para falar-lhe e assim justificar
A promessa de um beijo não cumprida !...

—Ao passardes nas choças, taciturnos,
Deixando no ar sons de ancias, timoratas;
Essas ancias se cassam aos sons soturnos
Das grotescas canções das serenatas...

E então tristonho e de alma confrangida,
Vendo que sois um sentimento humano;
Vos comparo a uma lagrima perdida
Entre as ondas revoltas do Oceano !...

Sons de piano, pacientes, que passaes
A recordar de Alguem, tempos perdidos;
Eu vos comprehendo bem, vós não sois (mais
Que lamentos de amor, despercebidos!...

E os lamentos de amor, nada mais são;
– Quando o ente amado é surdo a esses (lamentos—
Que umas vitreas bolinhas de sabão
Que se arrebentam á contracção dos ven- (tos !..

MCMXVI

VICTOR SANTOS

Cartas e cartas

Carissima Antonietta:

Não julgues jámais que esquecerei a primavera do meu amor (não digo nosso por saber o teu já extincto) em que as mil juras de uma amizade sincera e inquebrantavel perduram ainda e sempre no amago do meu triste coração.

E que saudades me atormentam, ao verte, como hontem, a porta do teu lar, mimosa como nunca, subtil e delicada como a violeta sulferina, attrahente e admiravel com teu porte altivo que tanto me enleva, tanto me seduz...!

Guia-me, no emtanto, o pharol luminoso da Esperança, cujo norte será um dia a realização dos meus sonhos dourados de outros tempos, o meu ideal que dá força e alento para a luta nas teias emmaranhadas do campo da Adversidade, que a custo atravesso mas que vencerei, sem duvida, um dia afinal.

E n'esse dia de gloria, n'essa data que imagino bem proxima, encontrarei o teu coração compassivo ás minhas supplicas, plenas de affecto e de ternuras?...

Ah! sim, bem o creio; e é essa Esperança que vislumbra o meu ardor de joven, na senda pedregosa de uma Existencia inteira, em busca do Ideal.

O. GODINHO

Rio, 16–7–916.

Notas Mundanas

Faz annos a 25 do corrente a senhorita Judith de Oliveira Sampaio, dilecta filha do distinctissimo capitão de Mar e Guerra Francisco Sampaio.

—Conta a 23 do corrente mais uma data natalicia a gentil senhorita Hilda Rasmussen.

—O lar do coronel do Exercito João Principe da Silva, chefe da 2.ª Divisão do Departamento da Guerra, esteve em festa nos dias 17 e 18 do andante por motivo dos anniversarios de suas gentillissimas filhas senhoritas Corina e Djanira.

Como na Inglaterra se habituam cêdo as creanças ao sagrado respeito pela bandeira nacional

::::::::

CARTAS DE AMOR

A TI, A QUEM AMO.

Mais um anno que passa, mais uma primavera que desponta na quadra aurirosea da tua juventude.

Longe de ti, sentindo arfar no peito a maior das dores — a Saudade, medito e penso como seria feliz si estivesse ao teu lado neste dia tão glorioso para mim?

Mas não é possivel, o Destino assim não quer. Não fiques, porém, triste.

Ver-nos-emos muito em breve, e, então, juntando nossas almas, seguiremos ambos, no porfioso afan do engrandecimento do nosso lar.

Seremos felizes, como jamais termos pensado!

Hoje, porém, dia do teu natalicio, não é dado compartilhar da tua alegria.

Acceita, portanto, os votos que faço pela tua sempre crescente prosperidade e ventura, ao lado de quantos te amam e idolatram.

RILIAMA.

::::::::

A Rainha da Moda

Devemos ao conhecido e reputado magazine de modas que a Casa Sloper publica no Rio, os «clichés» de Modas que temos publicado. No presente numero damos alguns toilletes de noivado e luto, extrahidos ainda da Rainha da Moda, numero de Junho. Dos figurinos que nos chegam presentemente, é a «Rainha da Moda» o mais pontual porque todos os outros estão muito atrazados. A «Rainha da Moda» é vendida a 1$200.

A guerra

Quão triste e desoladora significação tem esta maldita palavra — guerra.

Como desapparece toda tranquillidade que durante longo tempo se alojára nos corações humanos, desapparece a fraternidade, a filiação e a alegria talvez que universal, emfim tudo quanto é bom e sublime fenece subordinado á uma dôr cruciante, n'este horroroso pélago de desarmonia, em que tudo é lugubre e funereo. As mães pranteam afflictas a perda de seus amados filhos cujos corações pungidos de saudade e de melancolia, e ao mesmo tempo alegres e enthusiasmados, partiram para a maldita guerra, cumprindo deste modo, um dos mais sagrados deveres; o de defender a sua idolatrada Patria.

Sagrado digo, porque ella nos fornece desde os primeiros conhecimentos da vida, até aos ultimos!

E, se ella nos ensina muita cousa é claro, é tão evidente, e é bastante nitido que devemos correr presurosos ao campo da lucta, quando a vimos ultrajada em seus brios; por conseguinte, somos os filhos que ao ver os paes ameaçados corremos logo envidando sacrificios para defendel-os.

Em meio do troar rouco dos canhões, do estalar forte das metralhas, os filhos, os paes, irmãos emfim todas aquellas entidades estremecidas, espargem por aquella immensa amplidão do espaço, empregnada de paz asphyxiante, do suffocante cheiro de polvora, um olhar languido e saudoso, lembrando talvez a imagem de todos, que á elles são ligados, e que lhe são extremamente caros.

Bello, esplendido, magnifico e deslumbrante, será o mundo civilisado quando desapparecer, o systema de força bruta, (guerra) e ser usado só e unicamente o meio de se resolver as questões por intermedio das palavras (diplomacia) com que a nós, foi dado desde as primeiras evoluções do Universo.

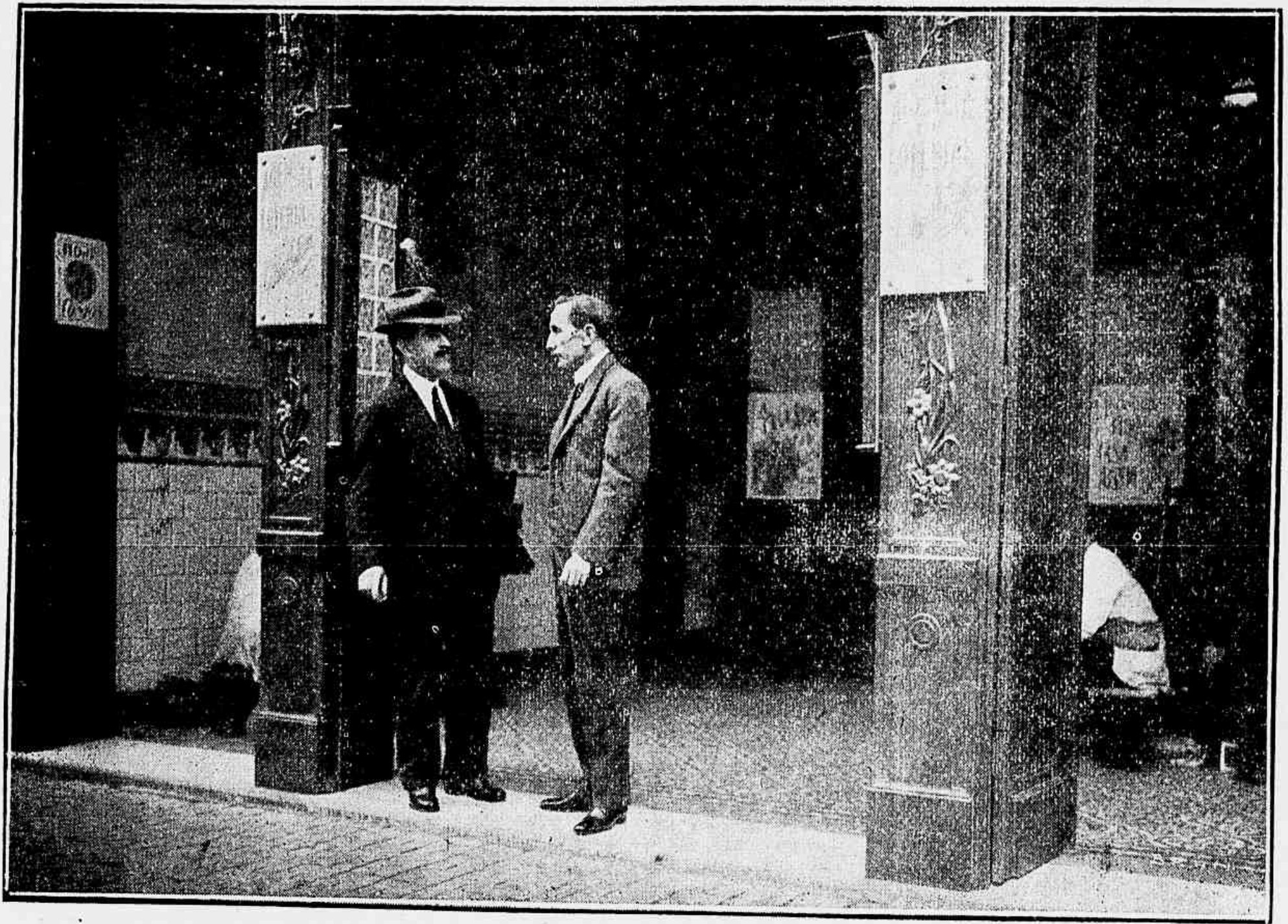
J. J. TRINDADE.

CONCURSO LITTERARIO

Insentivando o merito litterario de nossas gentis collaboradoras resolvemos iniciar hoje uma serie de concursos com a presente gravura. Trata-se de um precioso trabalho que é bem uma scena dolorosa dos nossos dias. E' uma dessas telas que fallam á alma e tocam ao coração. A mulher tem o seu marido no campo de batalha. Delle recebe apenas vagas informações. E' pauperrima e habita o sotão de um quarto andar, de uma cidade européa. Véla por uma filhinha que é toda a sua vida, todo o seu encanto. Alta noite ella desperta com os clarões de um dirigivel inimigo que passa. Pensa nos effeitos das bombas, pensa na filha, vê a morte ! Mas é christã e reza com fé entregando com amor o destino de sua filha a Deus—e reza, com o fervor que o catholicismo puro nos ensina ! Em meio de toda aquella pespectiva, só o seu anjo da guarda parece valer-lhe uma protecção que traz do céu ! E véla por toda a noite pelo seu ente querido, indefesa, alli só, na imminencia de soffrer o terror de inimigos que nunca teve, o castigo de males que jamais a sua alma de mulher pobre e trabalhadeira merece ! O nosso concurso constará de composições litterarias a proposito deste quadro que vimos a dar uma pequena idéa. As composições devem no maximo tomar **pagina e meia de nossa revista, cada uma. As vencedoras premiaremos com uma mimosa joia à primeira vencedora e dois objectos interessantes ás duas outras classificadas. O julgamento será feito por nossa redacção. Os trabalhos serão recebidos até dia 1º. de Agosto, p.**

Não é difficil encontrar a fortuna

Ella se acha a dois passos — alli na

Rua da Assembléa n. 95

A nova agencia de loterias do sr. Arthur Alvim, na

Rua da Assembléa, 95

Ali se distribue dinheiro a granel. Ide comprar lá o seu bilhete que a sorte **vos sorrirá.**
E a primeria casa, á direita, de quem vae da Avenida Rio Branco para a Praça 15 de **Novembro**

Não ha outra egual !

DINHEIRO COM FARTURA !

Senhorita INAJA' DE BRITO
Natal
Rio Grande do Norte

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS. { ANNO...... Rs. 18$000 / SEMESTRE . » 10$000 }

Redacção e Administração «AGENCIA COSMOS», Rua da Assembléa 63 – Telephone 5801 Central
Caixa Postal 421
Não serão restituidos originaes enviados á Redacção

MUSICA

«Dolce ricordo» é a nova walsa do querido pianista Cezar Sobrinho que tanto successo tem alcançado nesta capital.

O estylo da nova creação é o mesmo da «Marfisa», dispensando por isto qualquer elogio, visto ser conhecida a vocação de Cezar.

A «Dolce ricordo» é offerecida ao Dr. Thomé Brandão, prefeito de Cambuquira.

A mulher e a guerra

Uma moça, extremamente sympathica, servindo o leite nas ruas de Londres, enquanto os homens estão brigando

Luizinha

nos labios de HENRIQUE DE RESENDE.

L uz de minh'alma em flor doida e cantante,
U nica flor que me perfuma a Vida!
I nvocarei teu nome a todo instante,
Z elosa e santa, fria e commovida!
I ndomavel serei, serei um forte,
N ão terei vencedor nas luctas minhas,
H ei de me escarnecer da propria morte,
A o teu amor, princeza das Luizinhas...

BRITO MACHADO.

* * *

A irosa e doce estrella que me guia,
H ei de adorar-te sempre nesta vida
N impha bella, pharól que me alumia,
I magem seductora e tão querida!
Z elosa virgem, tão formosa e linda,
«I nvocarei teu nome a todo instante»
U fano de poder amar-te ainda,
L uzente estrella, meiga e rutilante...

HENRIQUE DE REZENDE.

«*Post scriptum*»

Qual a mulher que não sente
a alma de amor abrasada,
— vendo-se assim, gentilmente,
por dous vates decantada?

Ha de sentir-se rainha
(o verso é um throno de flores!)
A fronte, pallida minha
curvo-a tambem, trovadores!...

OLIVIER DE CAMARGO.

ACROSTICO

J ornal das Moças — o caminho trilhas,
O porte augusto da mulher erguendo,
R efulges lindo, resplendente brilhas,
N ova cruzada pelo bem fazendo.

A lmas que sentem—mães, esposas, filhas,
L edas, singelas, pelo amor colhendo
D ores e prantos, em crueis partilhas,
A lmos encantos no jornal vão tendo!

S eja-me dado, n'um soneto amigo,
M inh'alma ardente com pesar sentindo
O mundo, um antro de paixões perdido...

Ç antar na estrada que tristonho sigo,
A spera e dura que me vai ferindo,
S audando o brilho do jornal querido!

JOVIAL.

O NOIVADO DE HELENA

N.º 8 — Original de MIRANDA ROSA

—Será por isso que os filhos do Marcos Perdigão são tão feios? Creio que elle e a mulher são primos irmãos.

—Ah, meu caro, a fealdade é de familia. Transmitte-se de paes a filhos, como as apolices e aquella eterna mania de parecer distincto...

—Emfim, deixemos o Perdigão e os Perdigueirinhos em paz. Fallemos de creaturas menos cabulosas. Dos seus amigos Helena e Fernando, por exemplo. Tanto mais que saltam, neste momento, do automovel.

Realmente. Madame Lacerda, Helena e Fernando entravam na Cavé. Alfonsina os attrahio para a sua mesa. Helena, com um lindo costume «gabardine beige» e um pequeno chapeo de copa de «taffetá noir», admiravel na sua simplicidade, estava fascinante. Varios monoculos convergiram, impertinentes, para aquelle grupo, do meio do qual se destacava tambem a elegancia despreoccupada e «boulevardienne» de Fernando.

Alfonsina, com o desembaraço que a masculinisava, apresentou os dous rapazes.

—O dr. Fernando de Mattos. O jornalista Plinio de Alecrim.

Troca de cumprimentos amaveis. Ambos ficaram encantados com a opportunidade que os approximava, etc. E Plinio de Alecrim, offerecendo os seus prestimos no «Independente», pedio licença para retirar-se.

Alfonsina dirigio-se, então, á Helena e a Fernando:

—Então, já chegaram a um accordo? Vão ambos á nossa festa? Helena não nos abandona?

—Creio que abandona, minha senhora. Mas, apenas em parte. Iremos á festa, mas Helena não entrará na comedia, disse Fernando.

—Não é bem assim, Fernando. Voce dá como resolvido o que ainda não o foi. Continuo convencida de que não ha mal em que eu dê conta do recado que me confiaram nessa representação.

E Helena rematou, rindo:

—Voce já reparou que tyrano, Alfonsina?

—Sim. Isso é uma violencia. E voce não deve submetter-se. Seria acostumal-o mal. Repare que estou desencaminhando sua noiva, doutor. Perdoa-me esse crime?

—Está convencendo quem não quer senão ser convencida, d. Alfonsina. Helena fez desse caso um capricho do qual não quer ceder. E eu não me animo a insistir em demonstrar-lhe que seria melhor não ir.

—Faz muito bem. O primeiro dever de um homem que se casa é fazer todas as vontades á esposa. Vá aprendendo, doutor. E fique certo de que não se arrependerá da sua transigencia. Ha de ver como os jornaes vão celebrar o exito da nossa festa, da qual Helena será proclamada «la petite reine».

Fernando estava cada vez mais disposto a fazer desse innocente capricho da noiva um caso serio. Não se conformava com o pensamento de vel-a representando ao lado de Carlos Pereira, por quem sentia invencivel antipathia. Achava-o afeminado, futil, pretencioso e, sobretudo, não lhe agradava a insistencia com que o petulante escriptor forçava a intimidade das senhoras.

Helena não pudera comprehender a esquisita sensibilidade do noivo.O seu temperamento voluntarioso,e a crença, em que estava, de que Fernando não levaria adiante a má vontade que vinha revelando no tocante á sua cooparticipação na comedia,inspiraram-lhe o desejo de oppor uma resistencia tenaz ao que ella tambem considerava uma injustificavel casmurrice. Que inconveniente poderia haver no seu capricho? Pois não eram tão communs, na sociedade em que viviam, factos como aquelle? Ella mesmo, antes de Fernando regressar da Europa, não tomara parte em tantas representações daquelle genero, com as suas amiguinhas e, mais de uma vez, em outros trabalhos de Carlos Pereira? Que diriam, si agora, depois de tudo combinado, faltasse? Haviam de imaginal-a inteiramente dominada pelo noivo, o que seria de um supremo máo gosto. Por isso, quando ao deixarem a Cavé, despedindo-se, Alfonsina insistio na pergunta, ella, em um tom definitivo e irrevogavel, garantio:

—Irei. Podem contar commigo.Não faltava mais nada.

—O doutôr tambem não faltará,por certo?

—Faltarei, minha senhora. Vou á S. Paulo tratar de uns negocios.

Nessa tarde, Helena e Fernando, com uma apparente despreoccupação, não voltaram a tratar do caso. Cada qual esperou que o outro cedesse. E afinal, no dia do festival, elle lá não appareceu. Helena o esperou até o ultimo momento, não acreditando que o que julgava um simples e passageiro arrufo tomasse o aspecto de uma deliberada desfeita. Fernando, por sua vez, quiz acreditar que ella não fosse. Rondou-lhe a casa. E quando a vio, no automovel, com os paes, tomar o rumo da Quinta, ficou despeitadissimo. Afundou na Colombo, onde até a noite engulio innumeraveis «cocktails».Não appareceu no palacete Lacerda,mais tarde,para colher impressões. Telephonou uma desculpa mal humorada. E no dia seguinte, despedindo-se seccamente em uma rapida visita de minutos, embarcou, de facto, para S. Paulo.

Só ahi Helena alcançou a gravidade daquella crise sentimental, que o seu capricho desencadeara. E o receio de haver afastado, talvez definitivamente, o noivo, cujo amor lhe transformara a vida, desde a festa do Club dos Diarios, em um radioso sonho, fel-a passar longas horas de angustiada espectativa e de torturante receio.

Esperou, em vão, uma carta de Fernando, que a tranquillisasse. Elle bem a poderia ter deixado com Zaira. Essa esperança, porém, teve que desvanecer-se, diante da inquietante realidade. Não veio carta. E á noite, pela necessidade febril de qualquer noticia e sob a curiosidade desconfiada dos paes, Helena telephonou para Zaira.

Esta ignorava quando voltaria o irmão. E estava penalisada com o incidente.

—Porque teimaste, Helena? Fernando partio desolado. Elle gosta tanto de ti! Interroguei-o e tudo me confessou. Tentei dissuadil-o. Nada consegui. Emfim, prometteu-me ser razoavel. Que contas fazer?

—Não sei, meu bem. Estou arrependidissima e desorientada. Porque não vens ver-me amanhã? Quem sabe si com os teus conselhos consigo reparar o mal que fiz? Juro-te que nunca pensei que Fernando se magoasse!

—Mas, é claro, Helena, que, si pensasses isso, ter-lhe-ias feito a vontade. Elle tambem foi culpado. Emfim, são ambos dous louquinhos, que precisam se lhes puxem as orelhas. Amanhã estaremos juntas. Podemos nos encontrar na missa da Gloria, queres? Irei almoçar comtigo e depois combinaremos uma offensiva...

—...estrategica?

—...fulminante contra o coração de Fernando.

—Até amanhã, então.

—Até amanhã. E não chores mais... Tudo se arranjará.

Helena, comtudo, não se tranquillisou. Torturava-a o receio de que o gesto cruel com que Fernando revidara ao seu capricho significasse, da parte delle, o proposito de um rompimento. Foi assaltada pelo desejo de escrever-lhe uma carta que o commovesse e de novo o rendesse aos seus pés, vencido e convencido. Ao mesmo tempo, reflectia que essa iniciativa talvez ainda mais aggravásse a sua situação, impressionando-o mal. Pensou em contar tudo á sua mãe. Mas, o pensamento das justas recriminações que teria de ouvir fez com que desistisse dessa lembrança. Demais, que remedio poderia dar madame Lacerda ao incidente? Afinal, adormeceu com a certeza de que tudo dependia de Fernando. Si elle a amasse tanto quanto o amava ella, por certo se apressaria a voltar, carinhoso e amante, e seria o primeiro a pedir que se passasse uma esponja sobre essa desagradavel occorrencia.

Quando, pela manhã, accordou, ainda sentia a oppressão do pesadello que não lhe permittira um somno sereno e reparador. Sonhara que Fernando lhe fugia, repellindo-a com brutalidade. Ella, supplice se arrastava aos seus pés. Chorava e impetrava. E logo que parecia prestes a enternecel-o, eis que a scena se transmudava e Fernando partia, mas ao braço de outra mulher, esplendorosamente bella, cujos traços lhe eram familiares.

Quem seria? Já despertara e ainda se formulava essa pergunta. E só apoz um penoso esforço conseguio recordar-se de que a heroina do horrivel pezadello era Alfonsina.

Helena acreditava em sonhos. Por isso mesmo desde logo resolveu que, feitas as pazes com Fernando, cortaria, certo, qualquer intimidade deste com sua perigosa amiga.

Na egreja, ao lado de Zaira, cujos olhos passeavam, com uma vivacidade em que transluzia o despontar de um sentimento novo e alvoraçador, entre o altar e a figura escanhoada e insinuante de Ewerton Moraes, estudante de medicina que desde dias andava a frequentar-lhe a rua, não conseguio rezar até o fim uma unica oração. Em todas ellas se sorprendia a fazer pedidos irreverentes aos santos de sua devoção. Assim é que por mais de uma vez, alem do «pão nosso de cada dia», supplicou tambem a volta de Fernando, restituido ao seu affecto, e integrado no seu amor pelas mãos abençoadas do venerando conego João, aquelle santo velhinho que ali estava a dizer a missa e que já casara tantas amigas suas.

A missa terminou. Sahiram. No largo, cheio, áquella hora, de rapazes para os quaes a vida se resumia em namorar, jogar «foot-ball», filar cigarros aos conhecidos e exhibir á noite, á entrada dos cinematographos e nos tripots elegantes a sua desenvolta e perniciosa ociosidade, tiveram que supportar, por minutos, a palestra anti-prophylatica do chronista Plinio de Alecrim.

— V. V. Ex. Ex. permittem que as interrompa? E' apenas para depor aos seus pés as minhas mais respeitosas homenagens e pedir licença para incluir os seus nomes entre os que honrarão, amanhã, o «carnet» mundano do meu jornal.

Zaira, que tinha razões para não estar apressada, supportou sem grande sacrificio a loquacidade do impertinente Alecrim. Helena, porem, só respondia por monosyllabos ao imprudente que lhe retardava o momento em que abriria o coração, cheio de angustias, de magoas e de receios áquella boa amiga e amoravel confidente.

Plinio de Alecrim adiantou alguns detalhes sobre a nova festa de caridade que se organisava, em beneficio dos orphãos de Zanzibar e que seria, por certo, um deslumbramento. E com aquellas prodigiosas mesuras que copiava de certos figurantes cinematographicos e que julgava a ultima palavra em materia de elegancia masculina, se despedio.

Eram onze horas quando Helena e Zaira chegaram em casa. Madame Lacerda já as esperava para almoçar. O commendador almoçava na cidade. Era uma das suas manias, a de estragar o estomago em vastas

comezainas, regadas á boa vinhaça, em restaurants discretos.

Costumava confidenciar, aos seus intimos, em momentos de expansão:

— E' ainda o que me faz vibar, nesta idade: um succulento angù á bahiana, bem apimentado, com uma botijasinha de um capitoso «verde».

— Voces demoraram, meninas. Vamos para a mesa. Todos bons, em casa, não é Zaira?

— Sim, senhora. Obrigada. Mandaram lembranças. E domingo contam com a senhora, o commendador e Helena para o jantar.

— Anniversario?

— Não sabe? Sim. Anniversario de tia Josephina, que mora comnosco e que é madrinha de Fernando.

— Ah! então Fernando não fica em S. Paulo?

— Não. Creio mesmo que amanhã ou depois estará aqui.

— Por falar em Fernando, ó Helena, ha ahi uma carta para você. Não conheci a letra mas deve ser delle. O carimbo é de S. Paulo. Chegou quando você estava na missa. Que foi fazer Fernando a S. Paulo, Zaira? Você sabe?

Helena, mal sua mãe dissera que havia uma carta para ella, se levantara e fôra apanhal-a, no gabinete de trabalho do commendador, onde, com outra correspondencia, ficára esquecida. Rasgou, febrilmente, o enveloppe. Correu á assignatura. A carta era, com effeito, de Fernando.

E dizia:

Dulce, José e Gilda, filhinhos do sr. Henrique Goulart, em companhia do intelligente menino Moacyr

Perfis de normalistas

I

Senhorita M. L. S. — Tem uns modos attrahentes.

Elegante, donairosa, estatura regular, sempre alegre, com um sorriso meigo a enflorar-lhe os labios, rubros como morangos, de uma bocca pequena e formosa, ainda mais realçada por uns esplendidos dentes, muito eguaes e alvos.

Seus cabellos, castanhos e bastos, penteados com descuidada arte, não conhecem os artificios dos «coiffeurs» e emmolduram encantadoramente o rosto, de uma tez clara e avelludada.

Os olhos, grandes, castanhos-claros, brilham sob longos cilios e as sombrancelhas, espessas e negras, em curvas graciosas, maior expressão de belleza dão ao conjuncto physionomico.

O nariz é pequeno e bem talhado, outro tanto podendo dizer-se das orelhas, sempre roseas.

Esse é, em traços ligeiros, o perfil de Mlle., joven ainda - 18 annos — que conta muitos adoradores, entre os quaes um rapagão, estudante de medicina, que se salienta, e por quem, parece, ella tem a melhor preferencia... Pelo menos tudo faz suppôr semelhante primazia... Será sincera?

Frequenta o segundo anno e é muito estimada pelas collegas e professores, o que não admira, aliás, conhecendo-se a sua bondade, expansão e affabilidade, predicados esses que não excluem, algumas vezes partidas colossaes no terreno da pilheria..,

Intelligente e viva, porém «pouco estudiosa», reside a nossa «perfilada» numa rua que nouros tempos teve o nome um «bom jardim...».

FLÔR DE LIZ.

Do Carcere

A' QUEM AMO.

Prenderam-me!... E' o menos: prenderam-me o corpo, mas a alma voou para junto de ti — para o aconchego do ente que lhe dá vida.

Sendo sua existencia, a vida de minha vida... a alma de minha alma, que importa os soffrimentos do corpo? Minh'alma conversará com a tua, os segredos do amôr puro e santo que te consagro, trazendo ao martyrisado corpo, as doçuras do teu halito divino, para lenitivo das amarguras impostas por esta porção de «humanos» desalmados!

Rio, 9 — 7 — 916.

P. P. S.

Modas e Elegancias
Flagrantes nas Corridas "Jockey-Club"
BRUN

A BELEZA QUE SEDUZ E ENCANTA

Para Atrahir Facilmente Dinheiro-Saude-Felicidade.

Uzae os Accumuladores Mentaes

Concedem, de um modo prático e em pouco tempo, dons irrezistiveis para a cura de dores e doenças, desenvolvimento do poder psychico ou magnetico, transmissão do pensamento a distancia, hypnotismo, auto-sugestão; inspirar amor, concordia ou amizade; desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou quebranto; preservar de loucura, epilepsia, hysteria ou molestias nervozas; neutralizar os maus presagios; adivinhar; corrigir vicios; favorecer a sorte ou qualquer negocio; produzir, emfim, o bem-estar ou a felicidade em todos os sentidos. O medico, o sacerdote, o lavrador, o militar, o maritimo, o professor, o comerciante, o jurista, o financeiro, o empregado, o operario, e mesmo qualquer senhora, lucrarão extraordinariamente com estes Accumuladores.

Um Accumulador sozinho dá rezultado; mas os dois (Ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, são muito mais eficazes para qualquer fim. Rezultados garantidos por notabilidades. *Preço de cada um, 33$000 rs (dinheiro brazileiro), ou 55 francos.* Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções em portuguez. Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a

LAWRENCE & C.
45-Rua da Assembléa-45
RIO DE JANEIRO-BRAZIL

Enviae mil réis de sêlos dentro de carta, e recebereis um Magazine completo

No «footing»

As "Pipirinhas"

AO GOMES DE CASTRO.

Eil-as que passam, as «Pipirinhas»
Em alvos bandos fascinadores :
— Deusas da Graça, gentis rainhas
Da alma e dos sonhos dos trovadores !

Como são lindas essas «estrellas»
A scintillar
Num brilho intenso de gloria, pelas
Ruas que ficam á beira-mar !

Quando «ellas» passam, foge a tristeza
E, fulgurante, rompe a alegria
Como uma aurora de Maio, acceza
Em luz mais viva que a luz do dia !

E, sendo estrellas no mundo, certo,
A's que fulguram no azul profundo
Causam despeito, brilhando perto
Das incontaveis pompas do mundo.

Passam tão leves como de uma ave
As azas pandas ás virações :
Porém, na sua leveza suave,
Esmagam sempre mil corações...

O olhar ancioso,
Quando as contempla, ditosamente,
Cheio de goso,
Resiste ás chammas de um sol ardente !

Encantam mais
Que o sortilegio das feiticeiras,
Quando, tão lindas e festivaes,
Passam qual bando de aves fagueiras.

Valem thesouros, mas não thesouros
Desses que o mundo mesquinho encerra,
E, sim, daquelles que os anjos louros
Possuem guardados além da terra. . .

Quem desconhece dessas beldades
A seducção,
Não tem, na vida, felicidades ;
Vaga perdido na escuridão...

As «Pipirinhas» são mais vistosas
Que as pennas de ouro de um beija-flor ;
Lyrios, verbenas, jasmins e rosas,
Ao lado dellas, não têm valor...

As «Pipirinhas»,
Certo, desceram da Immensidade ;
E, aqui no mundo sendo rainhas,
Ergueram thronos nesta cidade...

Sempre que as vejo, no luzimento
Dos teus encantos e seducção,
Manda-lhes beijos em pensamento
E com esses beijos... meu coração...

Rio, 1916.

HERMANO BRUNNER.

Nas corridas

Tres instantaneos elegantes e o instantaneo de um «Lulú»...

PELAS CREANÇAS POBRES

Um alegre grupo de creancinhas mantidas pelo Instituto de Proteção e Assistencia á Infancia, que ha mais de quinze annos lucta pela creança desemparada entre nós. E' seu director e o seu abnegado sustentaculo o conhecido e competente clinico dr. Moncorvo Filho, a quem devem a exitencia verdadeiras gerações de cariocas.

LAMENTOS

Meu coração a bater...
Minh'alma triste a chorar...
Ah! quem de déra casar!
Ui! quem me dera poder

Chamal-a de mulhersinha,
Afahar o seu rostinho,
Com doce amor e carinho,
Longe de sua mãesinha.

Que não tolera gracinhas:
—Pois só dispondo de um dente
Já mordeu essa serpente
As minhas debeis perninhas!

Com blandicias supplicar
Um beijo para dar mil,
Seu corpo lindo e gracil
Com gentileza abraçar...

Minh'alma triste a chorar...
Meu coração a bater...
Com vontade de saber
Se posso agora casar

JOVIAL

O pobre e o rico

Lucta o pobre bastante pela vida
P'ra ter o pão qu'o deve alimentar,
Vive o ricaço alegre, sem ter lida,
Gozando do melhor, sempre a fartar.

O repouso do pobre não é facto,
O pobre sempre lucta corajoso,
E' tambem quem frequente paga o pato,
Quando apparece um imposto volumoso.

O pobre, assim gemendo, vai luctando,
C'o a vida bem difficil e espinhosa,
O rizo, prazenteiro. vai ronbando.
Da fadiga do pobre dolorosa.

O pobre emfim é o martyr moribundo
Que se arrasta ás miserias desta vida
E o rico desdenhando affronta o mundo
De posse da grandeza immerecida.

Riachuelo, 9 de Julho de 1916.

VICTOR MONDAINE

Vestidos para luto

O Somno da Virgem

Ao bello espirito de Ricardo Barbosa.

Ella dormia n'um perfumado leito e a lua cheia, beijava-lhe o collo amarfinado, onde vivia o anjo louro da esperança, acariciado pelo angelico palpitar d'aquelle innocente coração, tão puro como a crystallina gôtta de orvalho matutino no calice da magnolia campesina, que vegeta longe da seducção do mundo !...

Estava bella, sublime e seductora, como o céo matizado de um milhão de estrellas, e, na noite dos seus negros e avelludados cabellos, a brisa farfalhava travessa e alegremente, estendendo o seu manto de perfumes pela vastidão da campina.

Era bello vel-a assim adormecida !

Suas formosas palpebras estavam semi-fechadas, e os seus nacarados labios pareciam soletrar venturas, pedindo, ao mesmo tempo, um osculo de amôr, esse favor sacrosanto de felicidades, que embriaga o coração, o mais insensivel do mundo.

Quem poderia vêl-a sem amal-a ?...

Era o candido anjo era innocencia,dormindo no regaço da ventura, e protegido sempre pelo braço do Eterno ; era o resumo da perfeição - a consequencia logica do mais puro e innefavel amor.

Adorei-a, fervorosamente, no silencio d'aquella noite, e, em meu peito senti mais intenso o fogo sagrado do amor, d'esse amor isento de toda corrupção do mundo, d'esse amor, emfim, que é o paraiso da vida e a existencia do Poeta.

Quiz acordal-a, n'aquelle instante, com mil osculos, porem tive receio de nodoar o seu assetinado rosto com o contacto dos meus labios resequidos !

Não ha penna que possa descrever,fielmente, a magnificencia de tão poetica scena e só o coração se pode extasiar com a lembrança d'aquelle instante fugitivo, que deixou-me n'alma tão doce recordação. Hoje, em balde busco vel-a adormecida outra vez, á sombra das trepadeiras verde-azues da campina, quando a lua parece uma concha de luz virada sobre o mundo e quando a natureza traja as galas do festim, convidando o poeta a vagar pelo mundo da inspiração.

As melhores paginas do livro da vida são fugitivas como os gósos de um sonho doirado, quando o coração vive repleto de amor e o céo da mocidade se enfeita de nuvens alaranjadas. Não foi uma visão poetica, nem um quadro desenhado a capricho o somno da virgem. Vi-a dormindo, encantadora e deslumbrante, como o amanhecer de um dia de verão ; e, desde áquelle instante feliz, minha existencia tem sido alimentada com a esperança de tornar a vêl-a assim, entregue aos sonhos da ventura e sem pensar na illusão mentirosa—o mundo !

Muitas vezes tenho derramado profundas lagrimas com saudades da virgem encantadora, que prendeu-me a existencia nos aneeis dos seus cabellos, onde se aninha a esperança do meu futuro !...

Por ella tenho seguido, vacillante, pela estrada da vida, sempre em lucta renhida com a marmorea mão da fatalidade, rasgando os pés nas urzes do amargurado caminho da minha perigrinação e bebendo, apenas, alento na doce viração da tarde, quando o sol poente diz o ultimo adeus ao mundo, empregnando a immensidade do espaço de profunda escuridão !..!

Onde estará ella ?

Vive, e eu ainda tornarei a vêl-a bella e encantadora, como a estrella d'alva ? Quem sabe ?

Esperar é a grande sciencia da humanidade, porque na esperança se alimenta a vida ! !

Esperemos ! !...

. . . .

LIGYA PERCIVAL

Rio—Botafogo—8—7—1916.

::::::::

Sobre a lousa de um ente querido

IMPROVISO

Quem te deixa na campa esta saudade,
Tem saudades de ti, e tão sinceras,
Que sem na vida haver-te conhecido
Chorou-te a murcha flôr das primaveras.

Anjo, pede por mim ! E quando um dia
No manto espesso me envolver a morte ;
Sobre mim distendendo as brancas azas
Dá-me o Céo junto a ti, Anjo, por sorte !

LEOPOLDO DA FRANCA AMARAL.

OS QUE ESTUDAM...

Grupo tirado por occasião da commemoração do 5' anniversario da fundação do «Curso Propedeutico»

As senhoritas Gonçalina de Moura, professora da Escola Complementar (Rio Grande do Sul) e sua amiguinha Elida Motta

AZUIRA

Adoravel creatura !...

Quando nas horas chimericas da existencia um turbilhão de idéas terrificantes povôam-me o cerebro, e me induzem a desesperação, e entendimento neste glauco pélago da vida...

E's tu, nayade de minh'alma. Oh ! visão encantadora dos meus sonhares, quem me animas a proseguir nesto jornada de peregrinações ignotas... E' a convicção de que me amas com sinceridade, a confiança que me inspiram as tuas archi-divinas palavras, que me alentam, e, fazem-me forte... E prismando este estenoal tortuoso, este oasis da illusão, eu vejo accenar-me lá muito longe o eden da felicidade, fito o horisonte do porvir tingido pela poly-chromia dos sonhos e illuminado por dois sósinhos ternos e amenos, que são os teus olhinhos travessos e fascinadores.

RALCOS

Mr. Edmond

O já celebre cartomante que tão gentilmente dirige a nossa "Secção de Felicidade", Mr. Edmond, irmão legitimo e successor de Mme. Zizina, acaba de installar, em casa de sua familia, um consultorio para attender ás pessoas que se não satisfaçam com as consultas parciaes que se publicam no "Jornal das Moças".

Esse consultorio é á rua General Camara, 327, proximo á Prefeitura.

PAGINAS INFANTIS

Concursos Infantis

1ª SERIE — creanças de 6 a 8 annos.

— «De que paiz é a capital que se fórma com uma interjeição e uma vogal»? (Duas syllabas).

— Qual é o utencilio de inverno que sem a primeira lettra é uma fructa? (Duas syllabas).

2ª SERIE — creanças de 10 a 12 annos.

(Respostas em 10 linhas).

«Quem nasceu primeiro o ovo ou a Gallinha»?

3ª SERIE — creanças de 13 annos — (Para alumnos das escolas publicas).

Descrever em uma lauda de papel almasso a phase mais interessante que julgar, durante a minoridade de D. Pedro II, do Brazil.

Premios aos vencedores.

As respostas dos concursos de hoje podem ser trazidos até dia 24, ao meio dia.

———

Venceram os nossos concursos do numero passado:

1ª serie — menina Yolanda Serpa Pinto — 7 annos — em 1° logar, respondendo:

«Qual a moça mais bonita»?

Mamãe. Ella é linda. E' parecida com o Anjo da Guarda que está no meu quarto. Vou tirar do Album o retrato da mamãe e vou mandar para você ver. Sim?

«Qual o paiz mais lindo do mundo»?

O Brazil que é meu e da mamãe.

2° logar — Hebe Nabuco — 6 annos. Resposta: 1ª pergunta: Qual é a moça mais bonita?

2ª pergunta: Qual o paiz mais lindo do mundo? Resposta: 1ª mamãe. 2ª Brazil.

Os meninos: Catharina, Iracema, Florinda, Annita, Romeu, Mario e Salvador, filhos do sr. Herculino Mario Santaro

2ª serie — Vencedores — menina Nicia Nabuco — 13 annos com o seguinte trabalho:

CONTO — Ali, naquella casinha branca, morou muito tempo João, o operario. Lembro-me de o ter visto pela primeira vez, á tarde, sentado na soleira da porta tendo ao lado a sua filhinha Lalita, de quatro annos apenas, garrula como uma ave e linda como um anjo.

Perto brincava o filhito mais velho, o Tonico, um peralta de sete annos, que, ás escondidas dos paes, gostava de atirar pedras nas gallinhas.

Como fiquei triste quando soube que aquella boa gente passava faltas e privações!

O Tonico, sempre peralta, embora não fosse máo, fora o causador indirecto dos desgostos por que passavam seus paes.

Certa tarde elle e a maninha brincavam de pegar.

D. Maria havia recommendado ao filho que não se afastasse de casa e que não cançasse a irmã.

A mãe, notando a falta dos pequenos, chamou os insistentemente e, não obtendo resposta, sahiu na estrada a procural-os.

Déra a pobre mulher alguns passos, cheia de susto, quando viu approximar-se o Chico Rato trazendo nos braços a pequenita que, correndo, destroncára a perna numa queda, sobre as pedras. Atraz do Chico Rato, chorando, vinha o Tonico...

E' desnecessario descrever as angustias por que passou o coração amantissimo de D. Maria. Quanto ao João, quando soube o que acontecera, ficou afflictissimo.

Como pagar ao medico, como comprar os remedios que deviam curar a filhinha?

A providencia, porém, parece que velava sobre aquella boa gente pois o Dr. Miranda, velho chimico, que fôra chamado, declarou que a trataria de graça e mesmo, depois de alguns dias, affirmou que a menina ficaria sem o menor defeito.

Felizmente a pequenita ficou boa.

E desde então o Tonico tornou-se obediente e applicado ao estudo.

Passaram-se dois annos.

Hoje tanto o Tonico como a Lalita são muito estimados no collegio, onde fazem grandes progressos recebendo todos os mezes os boletins com excellentes notas: 10 em applicação e 10 em comportamento.

Tendo calma e vagar, o intelligente operario viu seus esforços coroados de exito e, graças á sua magnifica invenção, associou-se a uma empreza norte-americana, qne o fará, dentro de pouco tempo, um rico industrial.

Bendicto seja o trabalho!

NICIA NABUCO.

* * *

2º logar — menina Stella de Almeida com o seguinte trabalho:

CONTO — Numa humilde aldeia, situada entre montanhas, morava numa casinha pauperrima, uma pobre familia, composta de pae e mãe e duas creanças.

O pae trabalhava na officina, deixando sua mulher nos afazeres domesticos, em companhia de seus dois filhos, Julio de oito annos e Diva de cinco.

Certa manhã, Julio chamando a irmã, disse:

«Vem cá Diva vamos accender estes pedaços de papel, e veras como vae ser bonito»! E levando sua irmãzinha para um canto do quintal, accendeu com uns phosphoros que trazia no bolso uma fogueira.

Diva contente de ver as labaredas, approximou-se tanto dellas, que sem perceber botou a mão no fogo. Julio ao ver aquelle desastre começou a gritar, emquanto que sua irmãzinha, com a mão direita envolvida ainda nos papeis queimados, chorava desesperadamente.

Sua mãe ao ouvir aquelles gritos, correu assustada, ficando muito afflicta ao ver aquella scena. Mandaram chamar o pae de Diva, e sua mulher contou entristecida, o que havia acontecido, ficando este muito aborecido com Julio, e ainda mais desgostoso ficou, por não ter meios para curar a doente.

Toda a vizinhança, vendo o desespero da pobre familia, chamou um medico, que compadecido a curou sem receber recompensa.

Quando Julio viu que sua irmã se achava restabelecida, chorou amargamente, promettendo ser daquelle dia em diante, um bom menino.

E, com effeito, elle se corrigiu, tornando-se um menino estudioso e obediente.

Devido a regeneração do menino, que não deu mais prejuizos aos paes, estes tornaram-se ricos, pois o pae de Julio, poude dedicar-se com efficacia ao estudo inventivo de uma importante machina de tecer.

STELLA DE ALMEIDA.

* * *

3ª serie — Com quantos paus se faz uma canoa?

Vencedora — menina Odette Ferreira 12 annos.

Resposta:

«Fui perguntar a Vovó e ella asim me respondeu:

Minha netinha — Sua avó nada mais sabe com as novidades de hoje. Antigamente uma canoa era feita de um tronco de arvore — os indios faziam-na com um páo só, hoje! são capazes de levar a construir uma canoa no mesmo tempo que construem um aeroplano!

Tudo hoje é complicado.

2º logar — menino Oswaldo de Oliveira 11 annos.

«Uma canoa pode fazer-se com um páu, com dous, com tres, com quantos forem precisos, emfim. Isto tratando-se de canoa para agua.

As «canoas» policiaes, Sr redactor só a «casse téte» e muitos... guardas civis».

Jornal das Moças Concursos infantis 1a serie	Jornal das Moças Concursos infantis 2a serie	Jornal das Moças Concursos infantis 3a serie

Instantaneos do Jockey-Club

Ave Maria

Era por uma dessas tardes tristes de inverno, em que o sol morno e pallido, sepulta-se, tramontando as longinquas serranias, onde gradações de uma luz amortecida, se estagnam descendo furtivamente pelas alfembras verdes dos valles.

A noite approxima-se, para os lados do oriente seu manto já se disdobrava tristemente, num tumultuar de sombras que vinham-se espalhando pelo céo azul.

Por toda a parte a natureza parecia mergulhada em profunda nostalgia, e, por vezes, um murmurio terno, indicava o quezul harpeolar dos zephyros que passaram docemente, emballando as flores que em profundos callapsas deixavam pender as corollas rescendentes.

E assim envolta nessa vesperal poesia, uma profunda saudade que nos inspira as vagas e derradeiras scintillações de um arrebol morrente, fenecia a tarde, tristemente engrinaldada de esmaecidas collorações que se apagam mas, que ainda se reslumbram nesses leves farrapos de nuvens que passam empellidas pelo doce favonio...

. . . .

Apagaram-se os ultimos lampejos do dia que findou nas sombras do crepusculo nem mais uma indecisa claridade se percebe a noite acabou por estender o seu manto negro sobre o firmamento onde as constellações pareciam morrer na faldescedeia de seu fulgor.

Subito cortam o espaço as notas merencoreas do Angelus, que tanta tristeza occorrem, e la se vão ecoando de quebrada em quebrada relembrando a Humanidade a hora sagrada da Annunciação.

Quanta tristeza, com a alma a divagar, num extase, deixei escapar dos labios o suave rumor da prece emquanto o meu coração pulsa thuribulando o votivo incenso da minha profunda fé.

MARIA AUGUSTA GARCIA.

A tarde ao morrer

A' SENHORITA AMELIA RUSSI
(Bangú)

Como é melancolico e ao mesmo tempo poetico o descambar do sol no roça !

Os passarinhos procurando seus ninhos ou suas pousadas nos galhos do arvoredo, vão cantando saudosos, emquanto voam ao seu recolhimento.

A's vezes, nestas horas, pardacentas nuvens atravessam as planuras do espaço, dando ao céo um aspecto de tristeza; emquanto a lua atravez dellas devaneia na amplidão celestial, sempre cheia de mysterios, mostrando-nos de vez em quanto a sua erradia imagem.

E' ao tombar da tarde que nós sentimos a mais funda saudade do lar que longe deixamos; a nostalgia que então se manifesta é a causa da nossa tristeza ante tão poetico espectaculo.

O lyrismo dos vates produz bellissimas composições poeticas sobre o crepusculo da tarde de onde bebem formosas inspirações; os seus olhos vêem a Natureza se transformar : o dia passado a ser noite e assistem assim o desapparecimento do Astro-Rei de quem ficam privados, vendo depois surdir as densas trevas da noite que só trazem meditações saudosas.

Realengo, 5 de junho de 916.

A. RIBEIRO.

::::::::

A' Nini

O coração é como o passarinho
Que esvoaça perdido no deserto;
O peito é a folha que lhe esconde o ninho
O amor o galho do seu pouso incerto.

O coração é flor que prolifera
No formoso jardim da mocidade,
O coração jamais contou idade
O coração é sempre «Primavera» !

L. A.

Deus

SOBERANO de toda a natureza
E' esse que lega a vida á humana gente,
Que recompensa o povo humilde e crente,
No seu poder sem par, todo grandeza.

Quem terá feito o sól resplandescente,
As estrellas que brilham com firmeza,
No ethereo firmamento, com belleza,
Si não o grande Deus omnipotente.

Que altivo do seu throno e generoso
Da-nos amôr singelo e verdadeiro
E concede perdão a nossa offensa ?

A esse incomparavel Sêr bondoso,
Que sem duvida rege o mundo inteiro,
E' que consagro toda a minha crença!...

RAIÚGA

Dôr suprema

Para A. Pinheiro

HABITA minha ideia Dôr suprema
Que os agros dissabores me suplanta
Dôr espiritual, uma Dôr santa!
Que me acalenta e torna a vida terna.

Habita uma outra Dôr, brutal, averna,
Que o sévo meditar em mim levanta,
E o fragil coração mais se quebranta,
No excesso conjugar da Dôr interna.

Uma porque te quero, outra o receio
De te perder a equilibar anceio
Quando pára uma dôr a outra começa...

Em mantel-as minh'alma não descança
E a pugna das dôres nunca cessa
E de as sentir o meu Sentir não cança.

PRINCIPE NEGRO

Resignação

Ao amigo Orlando Vianna

SOLUÇA pobre peito e com o teu pranto
Faze um leito de perolas saudosas...
Teu sudario será o negro manto
Rendilhado de estrellas lacrimosas.

Foi cruel o Destino; eivado encanto!
Laureio que tu sonhaste, lindas rosas,
Tudo illusão! Pois bem, chora que eu canto
Os psalmos das tristezas dolorosas.

Soluças ?! Segue a estrada velho amigo
Que fiel tambem eu seguirei comtigo,
Como a rude grilheta ao vil sicario.

Teu soffrimento é o meu: longos martyrios!
Sigamos docemente até os empyreos,
Sopesando essa cruz: nosso Calvario.

GASTON ROULEVILLE

Adeus...

A... quem me entende

ADEUS querida! Além d'aquelles montes
Já vem surgindo a encantadora aurora;
De regressar áquelles horisontes,
Negra e implacavel vem chegando á hora.

Enxuga os prantos que derramo agora,
Com teus sorrisos placidos e insontes;
Naquella terra onde a tristeza mora
Vou vertel-os do peito, em nossas fontes.

Este soneto ingrato me consome...
Longe de ti... balbuciarei teu nome
Quando a Saudade me roubar a calma.

Neste caminho atroz da desventura,
Levo arrastando a sombra da amargura,
E te deixo um pedaço de minh'alma!...

GUIMARÃES.

BILHETES POSTAES

A' Marietta.

Ha quem compare a saudade á flor, porém, a flor nasce no jardim, desabrocha, cresce e morre!...

E a saudade entre dois corações que se amam verdadeiramente, nasce, cresce e vive toda a eternidade.

ALBERTINO.

* * *

AMELIA.

Encontraras sempre em um coração os echos de um amor extremoso que encontro no teu a guarida mais pura e sincera.

M. A. S.

* * *

Resposta.

A' MELI.

A esperança é uma doce visão que nos consola.

V. F.

* * *

Ao ingrato N. P. S.

Esperança, unica palavra que consola meu desventurado coração.

Por ti suspiro, e minh'alma soffre constantemente emquanto não proferires esta palavra... amo-te.

A. P.

* * *

Ao amigo JUVENAL.

Guardo ainda n'alma a lembrança dos teus bellos versos. Com elle vieste me trazer a recordação de um passado feliz e saudoso. E, como é sublime dispertar uma saudade lendo versos tão chics!

ALBERTINO Z. O. BASTOS.

* * *

A' CONCHA MARTINS.

O amor não é mais do que um imán que atrahe dois corações, dependendo a sua duração da maior ou menor volubilidade existente nos mesmos.

R. COUTO.

* * *

Ao DERMEVAL V. REZENDE.

Só quem ama verdadeiramente pode avaliar a magua de um coração que sente agonizar a ultima illusão, victima de um amor infiel!

Lyrio branco.

* * *

A' prima LOLINHA.

Assim como cultivas áquella «palmeirinha» com todo esmero e zelo, para que ella não morra, assim tambem cultivo com todo sinceridade a sua amizade; por seres uma priminha distincta.

JULINHO.

* * *

O lar é o verdadeiro altar da mulher. Ella nelle, só é deviia quando pela bondade do coração e generosidade da alma, anima o seu esposo, procurando com elle distinguir o caminho da honra e do dever.

MARIANNO CAMPOS.

* * *

A' inesquecivel AIDA GRASSIA SERENO.

Sinceridade! Eis a flor mais bella, que, no mimoso jardim de teu coraçãozinho, tive a felicidade de escolher.

ROBINNE.

* * *

HENRIQUE.

Ser amada por ti, quanto é sublime para mim!

Quanta doçura encontro neste mundo tão cheio de desegualdades!

E sou feliz assim com a esperança de um dia realizar o nosso sonho aureo.

M. A. S.

* * *

A' MARIA DA GLORIA MACHADO.

Nas horas de soledade.
— Quando a lyra é muda e triste,
Que o teu affago amoroso...
Só elle é quem me conforta
Quando toldа este meu rosto
De doloroso desgosto
Um véo tristissimo e umbroso...

E ai! de minhalma e motiva
Se um dia o Destino ingrato
Desfizer o nosso grato
Sonho de amor e poesia...
Pois quem á magua pungente,
Ao meu penar afflictivo
Dará consolo effusivo
Nas horas dessa agonia?!...

FORTES DE LIMA.

* * *

Para a boa amiguinha

CECILIA OSORIO (CECY).

E' bem triste d'um sonho lindo o despertar, quando o reconhecemos impossivel de se realizar.

IAMAR OLGA ADIR.

* * *

O amor é uma illusão da vida, uma chimera feliz que nos alimenta a alma até a morte.

WALKYRIA BRAGA.

* * *

Esperança! balsamo divino que dulcifica os nossos corações para esperarmos com tranquilidade a realização do nosso ideal.

WALKYRIA BRAGA.

Para a minha prima

LUZIA PEREIRA (ZIZI).

O sonho é a unica felicidade da vida! Mas, tambem quantas vezes pensamos ser o sonho uma agradavel realidade, quando é apenas uma illusão que passa!

IVAUSA.

* * *

Para...

A felicidade é o segredo da vida. Todos nós desejamos encontral-a, o que é muito difficil, pois que a felicidade

E' um bem que pouco dura,
Illusão, cinza que cae,
E' um pouco de ventura
Que mal aponta se esvae.

IVAUSA.

* * *

A' ti, que amo.

De longe, o meu pensamento vóa celere a ti, confirmando a pira sagrada, do meu sincero e perenne amor.

JULIETA.

* * *

A' SANESMAN.

Um olhar terno da pessôa que amamos é um raio de luz que penetra até a alma.

BEATRIZ DA SILVEIRA.

* * *

A' alguem.

Recordar continuamente um passado feliz e bonançoso, é ser assassino iniquo e inescoravel de sua alma.

ALFREDO GOULART ALVES.

* * *

A' José Cid.

A chamma do amor verdadeiramente sincero, é inextinguivel; o tempo amortece-a, mas, a recordação aviva-a sempre!...

JULIETA.

* * *

Ao academico A...

A esperança é uma illusão que nos embala no fagueiro viver.

DINAH.

* * *

A saudade é uma flôr melancolica que cultivamos no jardim do coração.

DINAH.

* * *

A' alguem.

Um beijo é muitas vezes a esmola que faz uma mulher a uns labios lisongeiros; outros um pedaço d'alma que se escapa pela bocca.

No primeiro caso o homem é a victima, no segundo é a mulher.

DINAH.

* * *

A' ti.

O teu olhar, é e será eternamente a estrella luminosa que me guiará na estrada espinhosa e fusca da minha existencia.

ALFREDO GOULART ALVES.

* * *

A' MARIA DE LOURDES RIBEIRO.

Um coração sem esperança, é como uma ave sem ninho.

ROBINNE.

* * *

A' quem me comprehender.

Como queres que atire ao mar do esquecimento teu voluvel passado si ainda persiste em meu infeliz pensamento o horripilante phantasma. «Duvida»?

ROBINNE.

* * *

A' DALILA CAETANO DA SILVA.

Como a Saudade, é a Partida bem cruel!...

Adeus, e tu minha ideal vizão, acolhe e abriga na candida intimidade do teu coração bondozo, as ultimas saudades que te deixo!...

A' tarde, quando as ultimas cigarras se calarem, relembra-me saudoza e entoa na cella virginal, que é a tua alcova, os ultimos psalmos das minhas virtudes!...

Magnolia triste.

* * *

Ao academico MARIO CARVALHO.

Embora ja por ti desprezada, ainda conservo no peito o teu doce nome e no coração a triste lembrança dos momentos que passei feliz ao teu lado, na sumptuosa festa do dia 4 de Junho de 1916.

ANIXELA SOTNAS.

* * *

A' quem amo.

A esperança é o dulcido sentimento d'onde os mortaes atrahem as mais vivas cores para matisar o retabulo do futuro.

* * *

Ao bello sexo.

A religião é o astro celeste que com seu facho rutilante, alvo como a verdade e luminoso como a Esperança, guia-nos o trilhar pela estrada da humanidade.

A. DA SILVEIRA BULCÃO.

* * *

A querida amiguinha

MARIA DA CONCEIÇÃO LAGE (Marócas).

Esperança! és tu que nos dás alegria e coragem, para soffrermos com resignação todas as agruras da vida. Como é bom esperar, mesmo na incerteza de alcançarmos o bem, que ardentemente desejamos! Doce e consoladora Esperança como és bemfazejas, e como nos enches de alegria o coração!

IAMAR OLGA ADU.

* * *

A' senhorita «PEROLA».

(Em resposta ao pensamento a mim dirigido)

Se os homens soubessem interpretar todos os sentimentos da mulher, nunca que as procurariam para depositar uma amizade sincera, porque, com raras excepções, ellas não são merecedoras.

VIRGILIO DOMINGUES.

Implacavel destino

Naquella manhã de verão ardente e quando ainda as primeiras claridades do dia banhavam de leve as capas dos arvoredos mais altos, r çand apenas em lusco fusco pelo mattagal espesso, já a pobre Jurity despertára por um ruido extranho e os seus cuidados multiplicavam-se.

Não que receiasse ser attingida pelo caçador audaz, pois, tinha certeza no seu vôo intrepi to e nesgado, que, de ha muito, vinha desafiando a vista mais apurada, a mão mais firme que empunhasse a arma desejosa de roubar-lhe a vida.

Mas naquelle momento, outras forças menos fórtes que as suas, azas ainda em plena adolescencia, confiavam na guarridez das suas penas.

O ruido augmentára sempre e dentro em pouco, proximo ao velho arvoredo onde o seu ninho balouçava ao sopro da brisa sussurrante, um caçador appareceu.

Vinha calmo como que a medir seus passos e com a arma em mira, esgueirava-se pelas ramas entrelaçadas dos copós, visando na sombra da madrugada um bello jacú pousado nesse mesmo arvoredo em que a Jurity procurava agora iriçar mais as suas penas e abafar completamente o pio aspero dos seus filhinhos que, extranhos aquella situação angustiosa da pobre mãe, reclamavam já a sua habitual partida em busca do primeiro alimento.

....

Um passo mal dado sobre um pequeno galho secco, produziu um estalido e o passaro arrisco, estremecendo de subito, ligeiro vôa.

Rapido, o caçador, tremulo pela emoção e receioso da perda, debruçado sob um cipó que não pudéra romper, leva o dedo ao gatilgo. O estampido da bala que parte, ecoôu pela floresta repercutindo pela serra abaixo até que, diminuindo de intensidade, deixava ouvir o grito alarmante do bello jacú que ia pouco e pouco caminhando para mais longe até talvez pousar...

Passado aquelle primeiro momento de aborrecimento, o caçador, ergue-se da incommoda posição e, prescutando, permanece attento a um novo pio que lhe parece extranho.

Era alli naquelle mesmo arvoredo. Aguçando a vista, depara então um pequeno ninho que oscillava ainda na grimpa de um galho.

Dispoz-se a sondal-o. Em pouco conseguio galgar o largo tronco da velha arvore até alcançar o galho e forçal-o a chegar para junto do ponto em que se achava.

A sua primeira impressão foi desagradavel e o despeito do prazer que lhe proporcionava a caça não pode esconder o seu constrangimento.

Crueldade a sua...

Mas não. Este «sport» predileto para elle era cumprido a risca. Jamais usará da traição.

Gostava de se mostrar a caça, forçal-a dessa fórma a fuga e perseguil-a então até atirar. Não. Effectivamente não. Fora o accaso sómente e nada mais.

Estas conjecturas eram feitas tão cheias de verdadeiro sentimento que o caçador mál percebera já ter descido e achar-se agora estatico, junto do velho tronco, tendo entre as mãos o ninho, onde, quente ainda, a pobre pomba permanecia na mesma posição que tomára para defeza dos seus filhinhos.

Malfadada Jurity!

E dizer-se que ella tantas vezes enfrentára o caçador sem temer a morte.

De uma feita, num golpe de desafio mais ousado, sentira bem os effeitos da sua intrepidez: dois bagos de chumbo alcançaram-na e não foram poucos os cuidados para escapar.

Nem por isso abandonára jamais aquelle recanto da floresta. Aquellas mesmas arvores tinham para si um quer que fosse de seu.

Quanta madrugada bella! Quantos banhos de sól não déra ás suas pernas, pousando na grimpa mais alta do velho Jequitibá. E com quantos pios sonoros não se despedia do dia quando o occaso apparece em chammas...

Tardes bellas e amenas eram as de Agosto, quando par a par com o seu fiel companheiro percorriam em arrulos a expessa floresta.

Nada mais lhe perturbava na paz dolente desse amor assim fruido, que a aragem fresca da tarde roçando de leve em suas pennas, ou o canto sonoro do sabia amigo que tambem amára tanto aquellas paysagens infinitas...

Malfadada pomba! Implacavel destino...

THUSA.

Momento feliz

A' alguem cuja alma é
um thesouro de bondade.

Era a primeira vez que nos viamos depois do contrato de casamento official e solemne. Nosso encontro n'aquella tarde revestia-se de um encanto novo, mais suave e mais legitimo, cheio de doçura e seducções n vas. Entretanto, centenas de vezes a encontrára ali, no mesmo sitio, em companhia de sua irmãsinha, no mesmo jardim gracioso e artistico, cercada pela aura perfumosa das mesmas flores e protegida pelo mesmo pedaço azul do céo distante. Assim, pois, o simples formalismo de um acto social transforma o idylio, em cujo seio se aninha o mais elevado expoente da vida, na pratica da mais alta e sublime manifestação da sentimentalidade humana. Em se tratando de amor tudo é pretexto para a exaltação. O tempo transcorreu facil durante aquelle minuto em que nos mantivemos a conversar sobre mil e umas coisinhas muito importantes para nós, mas banaes e futeis para o resto do mundo. Quando nos encaminhavamos para o interior da casa fomos agradavelmente sorprehendidas pela familia reunida, em grupo alegre e acolhedor, que se dirigia ao

nosso encontro. Cumprimentos, troca de impressões, e, a conversa, generalisou-se.

Após um curto silencio, um dos presentes suggeriu a idéa de um passeio á beira-mar para gozar a noite, que cahia lenta e magestosa, promettendo um luar suave e encantador. O proponente accrescentara que desejava nos dar um conselho consoante ao modo de proceder de um casal, que se estima e respeita, citando o exemplo da onda e do grãosinho de areia: ella, geniosa, irritavel, quando se enfurece, vem se quebrar com impeto, furiosamente, sobre o grãosinho de areia, arrastando-o, magoando-o; elle, calmo, sensato, supporta com heroismo a irritabilidade da onda, que, vendo a inutilidade de sua agitação, depressa se acalma e vem se quebrar, brandamente, com meiguice, sobre o grãosinho de areia, embebendo-o todo de sua propria substancia, carinhosamente, como arrependida de sua irritação.

A idéa foi acceita por unanimidade e partimos todos para o bem. Chegados, que fomos, á Avenida Atlantica, saltámos do vehiculo que nos conduzira, caminhando immediatamene em direcção á praia, sempre magestosa e bella, que é um dos mais admiraveis pontos panoranicos do Rio de Janeiro. A noite estava de uma belleza incomparavel. A natureza expandia-se soberba de harmonia, de força e de arte. A meiga lua espalhava, por entre as sombras da noite, prateando-as, os raios suaves de luz. De pé, bem juntinhos, embevecidos diante do quadro sublime que a natureza nos apresentava, com as almas unificadas pelo amor, confundidas no mesmo desejo, o unico, que nos invadia o ser: é que aquelle minuto de extasis se prolongasse com o transcorrer dos seculos, para sempre, indefinidamente... E, n'aquelle momento, eramos felizes como si, incorporeos e puros, caminhassemos pelo espaço infinito, no seio da immensidade, em busca do Idéal.

LUCIO MARGON.

Os dois impossiveis

A QUEM ME ENTENDE . . .

MARTHA TRASNY assim se chamava quem eu criei, até á morte da segunda mãe que o exilio lhe dera!

Foi educada em todo o explendor do luxo, cresceu em talentos precoces, e tambem no que então se chama formosura, sobre tudo o que mais se realçava na sua physionomia angelica, os dentes assemelhando-se antes á madreperola que ao marfim.

No entretanto essa belleza e esses talentos não alegravam o olhar de nenhum moço da sociedade em que vivia; fazia-se triste ao casamento de todas as suas parentas, o abandono do mundo inteiro, a viuvez eterna d'um coração que nunca amava...

Chorava muitas vezes em silencio!...

Minha irmã espiritual, disse-lhe um dia, os annos correm longos para ti, e rapidos para mim!

Oh! respondeu-me ella, estou no fim da minha juventude; o tumulo não póde por longo tempo ainda conservar-se fechado para mim; calou-se e foi-se embora, recusando-se a receber n'esse momento a minha resposta.

No dia seguinte disse-me então: não te enganes a respeito da creatura que tens ao pé de ti; o accerto grave, d'estas palavras, fizeram tremer até ao intimo do coração; não scisme assim, ouve-me com attenção; quero que saibas a quem dediquei o meu coração tão temerariamente. A mentira foi-me sempre odiosa e tão impossivel que eu nem a felicidade do céu quereria, se para adquiril-a fosse necessario enganar-te.

Oh! disse- lhe eu, envelheces e tens vinte e poucos annos! Lembra-te que és tu que tens de me fechar os olhos! Remoça! ama para que eu não tenha a dôr de te sobreviver!

Eu amo a Jocelyn como uma alma nobre póde amar a outra... Jocelyn Soarinna vida de minh'alma... minha propria vida..,

Não sei si sou tambem correspondida!

Vivo n'um esmagamento d'alma e ninguem sente o vulcão que pulsa, dentro do meu coração.

Em cima de uma collina havia uma casinha tosca, branca de um asseio irreprehensivel, um dia fui vel-a attrahida pelos annuncios de um joven cartomante cuja fama sem as enscenações do charlatanismo tornar-se mundial! entrei, sentei-me, e parti o baralho. Começou o cartomante: a estrella da sua felicidade é pallida e incerta vacilla á borda de um horisonte tenebroso!

Sua alma dorme insensivel o somno cançado pela mais cruél das ingratidões, o seu coração é um tumulo onde guarda os despojos de um amor infeliz; vejo um official de marinha desconhecendo em absoluto os sentimentos do amôr que conforta para provar a enormidade da sua ingratidão; vejo ainda outra joven filha de uma alta patente do exercito que o seduz!

Vejo elle casado e ella ostentandona fronte altiva de mulher formosa e corôa do matrimonio!!

Empallideci. Oh! como isto é cruél!

O cartomante notavel havia advinhado tudo: paciencia exclamei eu, tudo obedece á vontade de Deus. Por isso paciencia, não prosiga, respondi-lhe, porque não quero blasphemar!

Entretanto não o esqueço um segundo; oh! esperança não abandones o meu dolorido coração!

A saudade e a tristeza me abatem o moral. Adeus meu ideal, meu amado Jocelyn vou morrer, ai vou!

Louco desejo, são debalde os prantos, debalde as dôres que meu peito sente, sonhos; vida, mocidade e risos, tudo o que é bello se afastou de mim!

Deixa que o mundo me escarneça embora do mundo o riso de sarcasmo é vão, mas tu ó mancebo que me leste n'alma não te sorrias de meus males não!!

Tu és a mancenilha, eu sou o viajor.

Terminava aqui a sua narração.

EDMUNDO DE LACERDA

Secção da Felicidade

As Respostas de Mr. Edmond

MLLE. FLEURANGE — Vejo que é muito estimada; tem bom coração e fará viagens. Deve expulsar do seu pensamento a tola idéa de que fal'a. Deixe que os annos corram sem amar. Não se preoccupe com isso.

MIMI FRANCEZA — Elle não attenderá com sinceridade ao seu amor. Gosta de si mais como uma irmã do que propriamente de um modo que se possa tornar seu esposo. Nunca será independente. Propensões para dona de casa e mãe de muitos filhos. Dinheiro nunca.

EPONINA MORENA — Evite conhecer rapaz sportman. Vejo-a numa demanda policial por causa de um moço moreno, proximo ao mar. Companheira inseparavel do espelho ha de junto a elle chorar fortemente porque não dá, nem se dará bem, com os sentimentos que impulsionam a mulher para os desvarios da vaidade. Bom futuro. Aquelle afastamento é um facto consumado.

CHIQUINHA PERDIGÃO — Tem em segredo uma magôa profunda. Passa por um periodo de resoluções menos sensatas. As cartas a nada lhe aconselham. E' uma creatura a quem a fortuna não se quer esclarecer. São dubios os seus guias. Terá dinheiro e ficará sem elle. Gosará a vida para mais tarde amaldiçoar os dias em que gozou... Entretanto, velhice socegada e muito grande.

ESPERANÇA — A esperança é a ultima luz que se apaga na vida!

Vejo muito genio, vejo um rapaz moreno, vejo questões grandes por pequenas cousas. Apaga o brilho de sua estrella com os embaraços de vida creados pelo seu genio irascivel.

IRACEMA D. (P. Reis) — Vejo uma situação grave, vejo uma rival morena, depois de uma separação — pazes, sem prejuizos para ambos.

Um baptisado que será feito em parochia longe do boliço da Capital da Republica.

VIOLETA ROXA (S. Christovão) — Viagens longas, cazamento, viuvez, novo cazamento. Não abusar das refeições, um pequeno incidente se dará em pessoa da sua familia.

Vejo variações tambem de idéas. Pouco dinheiro, mas dias de relativa felicidade.

MOCINHA (Santo Christo) — Num passeio encontrará um novo conhecimento que lhe fará a côrte, vejo que o seu futuro marido será ciumento, vejo um estrangeiro apaixonado! Vida remediada e dias longos.

VIOLETA ROXA (Itanhandú) — Na visinhança um estrangeiro? Perderá em passeio um objecto de pouco valor, mas de muita estimação. Uma chegada ahi que lhe trará grande prazer! Não vejo signaes de cazamento té fins de 1917.

NENÉ (Rocha) — Falsidade, tristeza, uma separação que lhe trará grande dôr. Lembre-se que os sonhos, idos um dia, não voltam nunca.

Se persistir em manter linha de grandeza de espirito será digna e terá futuro bom.

Lembre-se que poucas vezes ha quem nos possa obstar totalmente a felicidade. E' uma questão de força de vontade o seu caso.

ODETTE AVELLAR — Projecto de um cazamento que tem presentemente, mas não se realiza; virá mais tarde outro (bom).

Vejo uma morte de um rapaz muito criança que lhe causará desprazer! Vejo um desejo que terá em retirar-se para um convento! Alma morta! Recorda-se do passado desejosa de voltar aos seus dezoito annos.

Abandonar as amigas falsas. Mas não desanime. Vejo-a com estrella de regular brilho.

MARIA MARTINS — Vejo muita solidão, vejo que soffrerá um grande logro da pessoa que ama. Não se cazará com elle. Uma rival perigosa que cantará victoria. Não se entregue ao desgosto (largos dias tem cem annos) se isso for verdade. Será vingada. Apparecerá depois no prazo de um anno e meio outro pretendente que compensará os dissabores causados pelo ingrato desapparecido.

FRANCEZA — E' tudo extincto nessa alma morta, vejo deserto e triste. O coração baquea pela dor da ingratidão. Não se entristeza com as minhas palavras, vejo ainda uma esperança, um rapaz do lado do mar pretendendo a sua mão. Grandes questões, pensamentos que fazem a consultante verter lagrimas. Vejo que um menino será alegria dos seus dias e seu pensamento vacilla muito. A felicidade, porém, não lhe anda por muito longe.

AUGUSTA WERNER — Quem é o menino que a consultante tem por elle verdadeira idolatria? Ficará doente (sem ser de gravidade).

Vejo que mais tarde assignará papeis em cartorio, passará procuracões. Vejo um amor que não passará de amor fraternal. Vejo uma herdade ou mesmo demanda com uma ordem religiosa! As cartas aconselham evitar as confissões com padres. Não vejo nestes dois annos signaes de cazamento.

FLÔR DE LIZ — Seu cazamento não será já. Vejo grandes embaraços. Não tem a minima confiança no seu noivo. Elle é dado a nostalgia (variações de pensamento). Desconfianças de uma rival. E' victima de uma pessoa ebria ou fraca de espirito. Não se inquiete tanto. O que for seu as suas mãos ha de vir!

FATIMA — Vive em sua casa como se vivesse hospede de alguem. Deseja cazar-se

com um homem formado. Não se cazará! Deve procurar conforto na religião, aos pés de Deus, são rosas os espinhos e conforto o padecer.

Talvez seja feliz. Só em consulta completa poderemos ver melhor a sua sorte.

SAUDADE — Os meus guias nada querem lhe dizer.

CELICA (Q. B.) — Um rapaz de bonet com uma companheira tentará seduzi-a. Ser moderada. Deverá evitar questões; vejo em 1926 dinheiro em penca! Uma doença que dará lucro as pharmacias, mas que não trará mortes!

FLORAMYE (Botafogo) — Tranquillise-se e conte com dois affectos. Vejo pouco successo no Magisterio! Vejo retrocedendo. Vejo perturbações mentaes.

As cartas apresentam grande confusão pelo estado em que se acha (agitação nervosa). Viverá muito, será feliz e querida.

GAÚCHA (S. Christovão) — Será para o convento de um frade só. Soffreu um abandono, um amor mal correspondido. Um rapaz de cabellos castanhos rondará a sua casa (bom partido). Casará bem. Tem felicidades reservadas e grandes.

DEDÉ, solteira (S. Christovão) — Evitar scenas de ciumes para não desgostal-o.

Não procurar as sachristias das egrejas; vejo dois espiões ao seu lado, assumptos sem importancia.

AGLAE (Campinas) — Si o rapaz é claro o casamento é bom; melhoras de vida. Tem bôa estrella e pòde esperar melhores dias.

MARIPOSA PHANTASTICA (E. Novo) — Seu casamento ainda demora, mas o fará com um rapaz que presentemente é dado a estudos, vejo uma separação, vejo tambem um viuvo. Seu casamento será bom.

ADALGISA (Copacabana) — Grandes contrariedades, muito amor, pouca sorte, não vejo casamento. Uma mulher má, trará horas amargadas, seja prudente.

JAZMIM (Campos) — Serios embaraços, só com uma força de vontade superior as suas, chegará a um resultado favoravel. Um rapaz do commercio presta-lhe attenção, observe quando em passeio n'um jardim publico. Chegada de pessoas que se acham ausentes.

ERNESTINA (Campos) — Virá em caminho um rapaz claro de muito espirito com idéas de desposal-a (não serve).

Depois um outro, bem colocado, de sentimentos nobres, capaz de todos os sacrificios, completará o seu desejo.

BERNARDINA LOPES (Rolinha) — Uma viuvez... filhos, difficuldades, depois uma phase boa!

Um ponto interessante: no segundo casamento não terá filhos.

Não faça caso—bobagens de cartomante...

SUZETTE AMAZONAS DE CARVALHO — Um grande logro. Vejo um roubo feito por uma empregada. Terá um esposo remediado.

Depois de casada, lutas com uma mulher má (rival).

Casamento até 1920, porém optimo.

ALBERTINA — Não abusar da confiança que alguem deposita em si para livrar-se de um perigo. Abandonar o Hotel onde se acha! Alli tem amores que não são ainda os amores que a sra. merece.

AMERICA (Paracamby) — Vejo enfermidade pouco morosa! Questões sem importancia: seja moderada e chegará a um resultado favoravel! Signaes de fortuna e felicitações proximas.

CANDIDA (Cattete) — Deus dará o brilho necessario a essa victoria tão desejada! Vejo separação e nova amizade de um estrangeiro! Será feliz e terá longa vida.

SUZETTE (Tijuca) — Vejo ser necessario abandonar o ciume. Vejo mais tarde, longas viagens. Precisa ser mais discreta para com «elle». A bordo de um paquete encontrará quem lhe faça olhos doces. Casará breve.

BLUETTE — Será tomada de um violento affecto por um rapaz moreno, vejo uma união vivamente desejada, vejo que procede sempre com a verdade em casos de sómenos importancia. O seu coração vive enlutado pelo crepe da saudade! Mas é digna e será feliz.

GINA (Santos) — Não seja exigente em demasia. Como quer ser feliz em tudo? Quererá partir o queijo no céo? Soffrerá uma pequena desfeita da parte de um homem claro e de cabellos castanhos, não faça caso—falta de chá.

ODETTE VEIGA — A sua consulta já foi respondida, sómente accrescentam as cartas que a consultante deve mudar de pensamento para que o futuro lhe seja mais ameno!

Vejo felicidades futuras.

GONÇALINA DE MOURA (Porto Alegre) — Grande confusão, muita gente reunida. Vejo uma mudança (uma remoção). Será victima de reiteradas censuras de uma viuva. Não dedicar-se tanto ao trabalho, cuidado com a saude.

BILOQUINHA (E. Velho) — O primeiro e o segundo amor não serão realizados. Vejo uma mulher geniosa que lhe constrange!

A riqueza não se conquista sem fadiga e não nos deixa sem dor. Não seja tão ambiciosa. Deve fugir dos rapazes de farda.

QUER SABER DO SEU FUTURO?

Responda-nos por este questionario:

Pseudonymo ....

Anno em que nasceu ....

Côr de seus cabellos..........

» » » olhos..........

Bairro em que mora..........

O que mais deseja na vida?..........

Para uso exclusivo da Redacção:

Assignatura da consultante..........

Residencia ....

impresso nas officinas graphicas do *Jornal das Moças*

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 21 A 26